



TRIBUNAL DE CONTAS DO  
ESTADO DE SÃO PAULO

MANUAL BÁSICO

# O Tribunal e as Entidades Municipais da Administração Indireta

2016





TRIBUNAL DE CONTAS DO  
ESTADO DE SÃO PAULO

M A N U A L   B Á S I C O

# **O Tribunal e as Entidades Municipais da Administração Indireta**

2016







# TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

2016

## TRIBUNAL PLENO – CONSELHEIROS (REÚNE-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS, ÀS 10H00).

DIMAS EDUARDO RAMALHO (PRESIDENTE)  
SIDNEY ESTANISLAU BERALDO (VICE-PRESIDENTE)  
RENATO MARTINS COSTA (CORREGEDOR)  
ANTONIO ROQUE CITADINI  
EDGARD CAMARGO RODRIGUES  
ROBSON MARINHO  
CRISTIANA DE CASTRO MORAES

### PRIMEIRA CÂMARA (reúne-se às terças-feiras às 14h30)

Edgard Camargo Rodrigues (Presidente)  
Renato Martins Costa  
Cristiana de Castro Moraes

Secretário-Diretor Geral  
Sérgio Ciquera Rossi

Ministério Público de Contas  
Rafael Neubern Demarchi Costa -  
Procurador Geral  
Celso Augusto Matuck Feres Junior  
Elida Graziane Pinto  
João Paulo Giordano Fontes  
José Mendes Neto  
Leticia Formoso Delsin  
Rafael Antonio Baldo  
Renata Constante Cestari  
Thiago Pinheiro Lima

### SEGUNDA CÂMARA (reúne-se às terças-feiras às 10h00)

Sidney Estanislau Beraldo (Presidente)  
Antonio Roque Citadini  
Samy Wurman – Auditor  
Substituto de Conselheiro

Procuradoria da Fazenda Estadual  
Luiz Menezes Neto – Procurador-Chefe

Auditores  
Samy Wurman  
Alexandre Manir Figueiredo Sarquis  
Antonio Carlos dos Santos  
Josué Romero  
Silvia Monteiro  
Valdenir Antonio Polizeli  
Márcio Martins de Camargo

### **Supervisão**

Sérgio Ciquera Rossi  
Secretário-Diretor Geral

### **Coordenação**

Antonio Bento de Melo  
Alexandre Teixeira Carsola  
Diretores dos Departamentos de Supervisão da Ficalização I e II

### **Elaboração – 2012**

Flavio Corrêa de Toledo Jr.  
Sérgio Ciquera Rossi

### **Revisão desta Edição**

Agnon Ribeiro de Lima  
Maurides Tedeschi  
Paulo Massaru Uesugi Sugiura  
Roberto Panzardi Filho  
Valdir Martino

### **Colaboração**

Escola Paulista de Contas Públicas  
Revista do TCESP

## Apresentação

*“O que distingue os Tribunais de Contas do Poder Judiciário? Não é sua estrutura ou a forma de composição de seus membros [...], mas é a sua capacidade de atuação preventiva. E, em uma época em que falamos tanto de eficiência e eficácia, isso é tudo.”*

*Antonio Herman de Vaconcellos e Benjamin  
Ministro do Superior Tribunal de Justiça*

Que fatores contribuem para a ocorrência de erros e ilegalidades na gestão pública? Quais deles podem ser evitados e de que forma? Levantar indagações desse tipo e refletir sobre possíveis soluções também é parte do trabalho de um Tribunal de Contas, que tem a atuação preventiva como um de seus pilares.

Nesse sentido, uma das frentes mais eficientes é composta pelas ações educativas, que conseguem se antecipar a ponto de eliminar irregularidades antes mesmo de sua origem.

Cursos e materiais que permitam a capacitação de gestores e de suas equipes acabam por trazer um duplo retorno à sociedade. Primeiro, de forma imediata, espera-se a redução dos equívocos técnicos na execução orçamentária ou na formulação de um edital de licitação, por exemplo. Segundo, em um efeito indireto, mas não menos importante, órgãos de controle e cidadãos ganham ainda mais legitimidade para cobrar retidão e excelência de agentes políticos e servidores.

Com o objetivo de fortalecer seu caráter pedagógico, o Tribunal de Contas do Estado de São Paulo vai ao encontro do jurisdicionado. Em 2016, completamos 20 anos de Ciclo de Debates com Agentes Políticos e Dirigentes Municipais percorrendo todas as sedes regionais para instruir pessoalmente mais de 8.000 representantes dos 644 municípios de nossa jurisdição.

Sob essa perspectiva, também decidimos atualizar os 18 manuais editados pelo TCESP, incluindo este, que servem de norte para o administrador público de nosso Estado. Além de revisá-los à luz das alterações legislativas dos últimos anos, incluímos as principais decisões que sedimentam nossa jurisprudência e fizemos

recomendações de boas práticas relacionadas à Lei de Acesso à Informação, promulgada no fim de 2011.

Por fim, espero que gestores e ordenadores de despesas de nosso Estado tenham a oportunidade de acessar e dedicar o merecido tempo a este material, pois só assim encontrará sentido esta contribuição ao aperfeiçoamento da administração pública.

São Paulo, Setembro de 2016.

Dimas Eduardo Ramalho  
Presidente

# Sumário

1. A Rotina operacional do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo .....	11
1.1 O Tribunal de Contas na Legislação .....	11
1.2 Jurisdição .....	11
1.3 Composição.....	12
Auditores de Contas .....	14
Ministério Público de Contas .....	14
Fiscalização.....	15
1.4 Localização física .....	15
1.5 A notificação do Jurisdicionado.....	15
1.6 Decisões possíveis quanto às Contas das Entidades da Administração Indireta do Município .....	16
1.7 A Página Eletrônica (www.tce.sp.gov.br).....	17
1.8 As Súmulas.....	18
1.9 A Missão Pedagógica.....	21
1.10 A remessa eletrônica de registros financeiros - O Projeto AUDESP - Auditoria Eletrônica de Contas Públicas .....	22
1.11 A defesa dos Jurisdicionados.....	23
2. A Prestação de Contas das Autarquias, Fundações, Empresas Públicas, Sociedades de Economia Mista e Consórcios Intermunicipais.....	24
Órgãos não integrantes do Orçamento Fiscal e da Seguridade Social.....	26
Consórcios Públicos (Lei Federal 11.107, de 06 de Abril de 2005) .....	26
3. O Exame das Autarquias, Fundações, Consórcios e Empresas Estatais do Município .....	26
3.1 Características Gerais .....	26
3.2 O Princípio da Especialização .....	28

3.3	A autorização Orçamentária .....	29
3.4	A sujeição à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) .....	31
3.5	O Regime de Contabilidade e o impacto do resultado de exercício sobre a situação patrimonial .....	32
3.6	A Despesa de Pessoal.....	32
3.7	O repasse do Tesouro Central para Autarquias, Fundações e Empresas Dependentes.....	33
3.8	Recolhimento do Imposto de Renda à Tesouraria da Prefeitura .....	34
4.	Os três tipos de Fundações fiscalizadas pelo Tribunal de Contas do Estado de São Paulo.....	34
4.1	Características básicas .....	34
4.2	A Fiscalização das Fundações .....	36
4.2.1	Fiscalização da Fundação Típica.....	36
4.2.2	Fiscalização da Fundação de Apoio.....	36
4.2.3	Fiscalização da Fundação Conveniada .....	37
5.	Os Consórcios Públicos.....	37
5.1	Características gerais .....	37
5.2	As transferências dos Municípios para os Consórcios .....	40
5.3	A apropriação da Despesa pelos Municípios Consorciados.....	41
6.	A apuração do Resultado do Exercício.....	42
6.1	O resultado orçamentário das entidades regidas pelo Direito Público (Autarquias, certas Fundações e Consórcios Públicos) .....	42
6.1.1	Cautelas na apuração do resultado de Execução Orçamentária.....	43
6.1.2	Fórmula de cálculo do resultado da Execução Orçamentária.....	43
6.2	O resultado do exercício das Entidades regidas pelo Direito Privado (certas fundações e consórcios administrativos, empresas públicas e sociedades de economia mista) .....	44
7.	Os Precatórios Judiciais das Autarquias e Fundações .....	45
7.1	A contabilização dos Depósitos Judiciais .....	46
8.	O Repasse Previdenciário .....	46

9. Pagamento de Horas Extras a Cargos em Comissão .....	47
10. Cautelas na Gestão Financeira de Autarquias, Fundações, Consórcios e Empresas Estatais do Município .....	47
10.1 Contratação de Pessoal por tempo determinado.....	47
10.2 As Despesas Impróprias.....	49
10.3 A Transparência Fiscal .....	50
10.3.1 A primeira modificação na LRF - a edição, em maio de 2009, da Lei da Transparência Fiscal.....	50
10.4 A nova contabilidade para o Setor Público.....	52
10.5 Licitações e Contratos.....	54
10.6 Sanções aos Licitantes .....	55
10.7 Cautelas fiscais nos Contratos relativos à criação, expansão ou aprimoramento da Ação Governamental - o art. 16 da Lei de Responsabilidade Fiscal.....	55
10.8 As Dispensas Licitatórias por valor (art. 24, I e II da Lei nº. 8.666, de 1993) .....	56
11. Tesouraria.....	57
12. Almoxarifado.....	58
13. Bens de Caráter Permanente .....	58
14. O Controle Interno das Entidades da Administração Indireta.....	59
15. Governança Corporativa.....	59
16. Bibliografia .....	64



# 1. A Rotina operacional do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo

## 1.1 O Tribunal de Contas na Legislação

O Tribunal de Contas é órgão de controle externo da administração pública; suas atribuições figuram na Constituição do Estado de São Paulo (*artigos 31, 32 e 33*), na Lei Complementar Estadual nº 709/93 (*Lei Orgânica*) e no próprio Regimento.

O Tribunal de Contas do Estado de São Paulo foi instituído por Revisão Constitucional Decenal, de 1921, e regulamentado pelo Decreto 3.708, de 06 de maio de 1924, dia em que aconteceu a sessão inaugural.

O regime de 1930 pôs fim a todos os tribunais de contas do Brasil, sendo que o de São Paulo foi extinto em 12.12.1930, pelo Decreto 4.793. Aqui, encerra-se a primeira fase da Corte Paulista de Contas, cujas atribuições passam então a ser desenvolvidas por órgão do Poder Executivo: a Secretaria Estadual da Fazenda.

Esta Casa é reinstituída, em 7 de janeiro de 1947, pelo Decreto-lei 16.690. Tem início a segunda fase, quando o Tribunal de Contas do Estado de São Paulo torna-se instituto constitucional na Carta Paulista de 1947.

E, aqui, não é demais dizer fundamental citação de Rui Barbosa: “*o Tribunal de Contas é corpo de magistratura intermediária à administração e à legislatura, não pertencendo, portanto, nem a uma, nem a outra, mas colocado em posição autônoma, com atribuições de revisão e julgamento, cercado de garantias contra quaisquer ameaças, possa exercer as suas funções vitais no organismo constitucional, sem risco de converter-se em instituição de ornato aparatoso e inútil (...)*”.<sup>1</sup>

## 1.2 Jurisdição

Esta Corte de Contas fiscaliza a movimentação do dinheiro público no Governo do Estado e em 644 municípios paulistas, já excluído o da Capital, que dispõe de Tribunal próprio.

Nesse contexto, inspeciona-se “*in loco*”, todo ano, mais de 3.500 entidades governamentais, entre Secretarias Estaduais, Prefeituras, Câmaras de Vereadores, autarquias, fundações, empresas públicas, sociedades de economia mista, consórcios públicos e fundos de previdência de servidores.

---

1 *In: Exposição de Motivos do Decreto 966-A, de 7 de novembro de 1890.*

O volume de recursos fiscalizados pelo TCESP envolve o montante na ordem de R\$ 292 bilhões de reais sendo R\$ 189 bilhões de origem estadual e R\$ 103 bilhões de origem municipal conforme informações das entidades em 2014.

O Tribunal de Contas do Estado de São Paulo tem jurisdição própria e privativa sobre as pessoas e matérias sujeitas à sua competência, à qual abrange todos os que utilizem, arrecadem, guardem, gerenciem ou administrem dinheiros, bens e valores públicos.<sup>2</sup>

Os Conselheiros e Auditores julgam/apreciam mais de 22 mil processos por ano, e as equipes de fiscalização instruem cerca de 20 mil processos estaduais e 43 mil processos municipais por ano<sup>3</sup>.

### 1.3 Composição

Segundo o art. 1º do Regimento Interno, o Tribunal de Contas do Estado de São Paulo compreende:

***I - órgãos deliberativos:***

- a) Tribunal Pleno;
- b) Primeira Câmara e Segunda Câmara;
- c) Julgador Singular.

***II - órgãos de administração superior:***

- a) Presidência;
- b) Vice-Presidência;
- c) Corregedoria.

***III - órgão especial:***

- a) Corpo de Auditores do Tribunal de Contas.

***IV - órgãos de direção, supervisão e controle:***

- a) Secretaria-Diretoria Geral;
- b) Departamento Geral de Administração;
- c) Departamento de Tecnologia da Informação.

***V - órgão auxiliar:***

Gabinete Técnico da Presidência.

Demais disso, junto ao Tribunal funcionam o Ministério Público de Contas e a Procuradoria da Fazenda do Estado, na forma estabelecida no Regimento Interno.

---

<sup>2</sup> Art. 70, parágrafo único da Constituição.

<sup>3</sup> Fonte: Resultado Anual de Julgados de 2014: <http://www4.tce.sp.gov.br/resultado-anual-de-julgados>

As sessões do Tribunal de Contas são públicas<sup>4</sup>, exceto as destinadas a assuntos administrativos internos ou quando a preservação de direitos individuais e o interesse público assim o exigirem.

Os Conselheiros do TCESP podem decidir isoladamente, quando atuam como **Julgadores Singulares**, e também de forma colegiada, através de **Câmaras**, quando se reúnem três Conselheiros, ou através do **Tribunal Pleno**, que é a reunião de todos os sete conselheiros.

O Julgador Singular, por exemplo, tem competência para julgar as contas anuais dos administradores das autarquias, dos ordenadores de despesa da administração centralizada e dos responsáveis por fundos especiais dos municípios, entre outras.

Algumas matérias, entretanto, exigem apreciação das **Câmaras** julgadoras, como a emissão de parecer prévio sobre a prestação de contas anual dos Prefeitos municipais, e o julgamento das contas anuais prestadas pelas Câmaras municipais. Também é de sua competência a apreciação de recursos impetrados contra decisões dos julgadores singulares.

O TCESP conta com duas Câmaras, cabendo a um de seus integrantes, o Presidente, a direção dos trabalhos.

Há, por fim, julgamentos que só podem ser proferidos por todos os Conselheiros, reunidos no **Tribunal Pleno**, que corresponde a mais alta instância decisória do TCESP. Além de apreciar recursos sobre suas próprias decisões e das Câmaras, somente ao Pleno compete, por exemplo, emitir parecer prévio sobre as contas anuais do Governador do Estado.

Cada processo possui um conselheiro relator, designado aleatória e equitativamente, com exceção do Presidente da Casa, que fica incumbido da direção e representação do Tribunal de Contas junto a outras instituições. O Presidente, embora conduza as sessões de julgamento do Pleno, somente participa das votações nos casos de empate.

Os processos conduzidos pelos órgãos julgadores do TCESP observam rigorosamente o princípio da ampla defesa, concedendo aos interessados a possibilidade de esclarecer e justificar as irregularidades apontadas pelas equipes de fiscalização, ou ainda, de comprovarem que não contribuíram para sua ocorrência.

Caso contrário, os responsáveis sujeitam-se a uma série de penalidades, dependendo da gravidade dos fatos apurados e da condição dos agentes envolvidos, tais como:

- aplicação de multas até 2.000 UFESPs;

---

4 As sessões podem se acompanhadas ao vivo pela internet acessando o sítio oficial deste Tribunal de Contas <https://streaming.tce.sp.gov.br/sessao/video.php>

- inabilitação dos agentes que cometerem infrações graves para exercerem cargo em comissão ou função de confiança por até 8 anos;
- declaração da idoneidade do licitante, que fica impedido de contratar com a Administração Pública pelo prazo de até 5 anos;
- nos casos de indícios de ilícitos penais, remessa das peças pertinentes ao Ministério Público, para que este adote as providências cabíveis;
- a determinação da devolução das importâncias concedidas a organizações não governamentais sem fins lucrativos - ONGs, que não comprovarem tê-las aplicado regularmente;
- emissão de pareceres desfavoráveis às contas de Prefeituras Municipais e do Governo do Estado, os quais, uma vez referendados pelas respectivas Casas Legislativas, ocasionam a suspensão dos direitos políticos do chefe do Executivo por até 8 (oito anos).

É importante enfatizar que os pareceres do TCESP são estritamente técnicos, atendo-se exclusivamente à observância do cumprimento da lei pela Administração Pública e, no caso das fiscalizações operacionais, da satisfação de padrões amplamente reconhecidos por especialistas da área em questão, quando inexisterem regulamentações que os definam expressamente.

O julgamento de natureza política é tarefa das Câmaras Municipais e da Assembleia Legislativa do Estado, cujos integrantes, na condição de representantes do povo, reúnem a legitimidade necessária para julgamentos dessa natureza.

### **Audidores de Contas**

Algumas matérias, porém, não são apreciadas pelos Conselheiros, mas pelos Auditores de Contas do TCESP, cargo provido por concurso público.

Dentre os assuntos julgados pelos Auditores, podemos mencionar as prestações de contas de repasses a ONGs ou a fundações públicas municipais, os atos de admissão de pessoal e de concessão de aposentadorias, contratos cujo valor não atinjam a competência de julgamento destinada às Câmaras, processos apartados de contas anuais.

Além disso, compete aos Auditores substituir os Conselheiros que, por motivo de férias, licenças ou afastamentos legais, ausentarem-se de suas funções, garantido o funcionamento regular das Câmaras e do Tribunal Pleno. O número de Auditores é igual ao de Conselheiros: sete.

### **Ministério Público de Contas**

O Ministério Público de Contas (MPC) exerce suas funções típicas, no âmbito específico de jurisdição do TCESP, ou seja, a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais.

Para tanto, o MPC analisa todos os processos que tramitam pelo TCESP, antes de proferida a decisão, requerendo, quando o caso o exigir, as medidas de interesse da justiça, da administração e do Patrimônio Público, de sorte a garantir a observância dos princípios constitucionais de legalidade, impessoalidade, moralidade, interesse público e eficiência, entre outros.

O MPC é composto por nove procuradores de contas, um dos quais exerce a função de Procurador-Geral, responsável pela administração das suas atividades funcionais.

### **Fiscalização**

O TCESP conta com um qualificado corpo de Agentes e Auxiliares da Fiscalização, selecionados por meio de um dos mais disputados concursos públicos do Estado de São Paulo, cuja seleção exige conhecimentos aprofundados sobre Gestão Pública, tais como Administração, Contabilidade, Direito, Economia, Engenharia Civil e Gestão de Políticas Públicas.

São os Agentes e Auxiliares que formam o corpo técnico ou instrutivo, responsável pelas inspeções nos órgãos e por instruir os relatórios de fiscalização, posteriormente submetidos à apreciação dos Auditores e Conselheiros para decisão.

Este corpo técnico é dividido em Diretorias de Fiscalização e Unidades Regionais, subordinadas à Secretaria Diretoria Geral – SDG. Junto à SDG também se encontram as Assessorias Técnicas, que possuem especialistas em Direito, Engenharia e Economia, que opinam sobre questões mais complexas de suas respectivas áreas, quando necessário.

A área administrativa do Tribunal também é composta por Agentes e Auxiliares, que cuidam das atividades correlatas do Órgão.

## **1.4 Localização física**

Além da sede, na capital paulista, o Tribunal de Contas, a partir da década de 80, desconcentrou-se em 20 unidades regionais: Araçatuba, Bauru, Campinas, Marília, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, São José dos Campos, São José do Rio Preto, Sorocaba, Araras, Fernandópolis, Registro, Araraquara, Guaratinguetá, Andradina, Itapeva, Ituverava, Adamantina, Mogi-Guaçu e Santos.

Essa descentralização aproximou a Casa do público jurisdicionado, facilitando sua missão pedagógica, além de reduzir os custos da fiscalização.

## **1.5 A notificação do Jurisdicionado**

Reserva-se a esta Casa lugar específico no Diário Oficial do Estado; Caderno do Legislativo.

Em tal espaço são publicados todos os atos, despachos, decisões e acórdãos, tanto os administrativos internos quanto os externos, referentes a processos e expedientes que por aqui tramitam.

Importante ressaltar que, a contar da data de publicação, iniciam-se os prazos processuais ditos na Lei Orgânica desta Corte: a Lei Complementar estadual nº 709, de 1993.

Assim, o Diário Oficial formaliza o contato entre o Tribunal e o jurisdicionado, mas, a critério do Relator ou por expressa determinação legal, a comunicação pode dar-se mediante notificação pessoal. É o que se vê nos artigos 90 e 91 do sobredito diploma:

*“Artigo 90 - A intimação dos atos e decisões do Tribunal de Contas presume-se perfeita com a publicação no Diário Oficial, salvo as exceções previstas em lei.”*

*“Artigo 91 - A notificação, em processo de tomada de contas, convidando o responsável, sob as penas da lei, a prestar informações, a exhibir documentos novos ou a defender-se, bem como a intimação de que foi condenado em alcance ou multa serão feitas:*

*I pessoalmente;*

*II com hora certa;*

*III por via postal ou telegráfica;*

*IV por edital.”*

De se ressaltar que a legislação específica e, sobretudo, o rotineiro agir desta Corte privilegiam o constitucional princípio do contraditório e da ampla defesa.

## **1.6 Decisões possíveis quanto às Contas das Entidades da Administração Indireta do Município**

Nas contas do Governador ou Prefeito, o Tribunal emite **parecer prévio**, que pode ser aceito ou derrubado pelo respectivo órgão do Poder Legislativo (*art. 33, I da Constituição do Estado e art. 31, § 2º da Constituição Federal*).

De outra parte, o Tribunal **julga** os balanços dos titulares de autarquias, fundações, empresas estatais e consórcios intermunicipais (*art. 33, II da Constituição do Estado*).

Nos termos do artigo 33 da Lei Complementar estadual nº 709, de 1993, as contas serão julgadas:

*I regulares, quando expressarem, de forma clara e objetiva, a exatidão dos demonstrativos contábeis, a legalidade, a legitimidade e a economicidade dos atos de gestão do responsável;*

*II regulares com ressalva, quando evidenciarem impropriedade ou qualquer outra falta de natureza formal, de que não resulte dano ao erário; e*

*III irregulares, quando comprovada qualquer das seguintes ocorrências:*

*a) omissão no dever de prestar contas;*

*b) infração à norma legal ou regulamentar;*

*c) dano ao erário, decorrente de ato de gestão ilegítimo ou antieconômico;*

*d) desfalque, desvio de bens ou valores públicos.*

*§ 1º O Tribunal de Contas poderá julgar irregulares as contas, no caso de reincidência no descumprimento de determinação de que o responsável tenha tido ciência, feitas em processo de tomada ou prestação de contas.*

Além do mais, poderá esta Corte aplicar multa aos responsáveis pela Administração descentralizada, à vista das infrações previstas no artigo 104 da mencionada lei complementar:

*“Artigo 104 - O Tribunal de Contas poderá aplicar multa de até 2.000 (duas mil) vezes o valor da Unidade Fiscal do Estado de São Paulo (UFESP) ou outro valor unitário que venha a substituí-la, aos responsáveis por:*

*I contas julgadas irregulares de que não resulte débito;*

*II ato praticado com infração à norma legal ou regulamentar;*

*III não atendimento, no prazo fixado, sem causa justificada, de diligência do Conselheiro Relator ou do Conselheiro Julgador Singular, ou de decisão do Tribunal de Contas;*

*IV obstrução ao livre exercício das inspeções e auditorias determinadas;*  
*V sonegação de processo, documento ou informação, em inspeções ou auditorias realizadas pelo Tribunal de Contas;*

*VI reincidência no descumprimento de determinação ou instruções do Tribunal de Contas.*

*§ 1º - Ficarà sujeito à multa prevista neste artigo aquele que deixar de dar cumprimento à decisão do Tribunal de Contas, salvo motivo justificado.”*

## **1.7 A Página Eletrônica ([www.tce.sp.gov.br](http://www.tce.sp.gov.br))**

Em tal sítio eletrônico, tem-se o que segue:

- **INSTITUCIONAL** - *informes sobre competência; composição; endereços; gestão estratégica, histórico; organograma e ouvidoria.*
- **ESCOLA PAULISTA DE CONTAS PÚBLICAS** - EPCP- *programação de eventos para o público interno e externo.*
- **JURISDICIONADO** - *órgãos fiscalizados; Audesp; jurisprudência; legislação e normas; manuais; pesquisa de processos; relação de apenados; sistemas e aplicativos;*
- **TRANSPARÊNCIA** - *concursos; IEGM – Índice de Efetividade da Gestão Municipal; portal da transparência municipal; SIAPNet; prestando contas; resultado Anual de Julgados; SIC – Sistema de Acesso à Informação; relatório de Atividades; licitações; contratos.*

## 1.8 As Súmulas

A Súmula resume, em texto curto e objetivo, a interpretação pacífica dos Conselheiros sobre determinado assunto, vindo isso atender a três finalidades: *a) uniformizar as decisões; b) tornar pública a jurisprudência predominante da Casa; c) agilizar a instrução do processo, visto que já não é mais necessário sempre repetir todo o entendimento que originou a Súmula.*

Eis o repertório de súmulas desta Casa de Contas:

- **SÚMULA Nº 1** - *Não é lícita a concessão de subvenção para bolsa de estudo e assistência hospitalar com caráter personalíssimo.*
- **SÚMULA Nº 2** - *É inconstitucional a aplicação de Auxílios ou Subvenções, direta ou indiretamente na manutenção de culto religioso.*
- **SÚMULA Nº 3** - *Não é lícita a concessão de Auxílios e Subvenções a entidades com fins lucrativos ou com a finalidade específica de valorização patrimonial.*
- **SÚMULA Nº 4** - *As despesas somente poderão correr à conta da destinação constante do ato concessório.*
- **SÚMULA Nº 5** - *A prova de exclusividade na aquisição de material, como justificativa de dispensa de licitação, não deve se limitar a declaração da própria firma, mas demonstrada através de patentes ou atestados dos órgãos de classe.*
- **SÚMULA Nº 6** - *Compete ao Tribunal de Contas negar cumprimento a leis inconstitucionais.*
- **SÚMULA Nº 7** - *É de competência das Câmaras o julgamento de processos em que inicialmente haja configuração de alcance, não obstante a alçada do julgador singular.*
- **SÚMULA Nº 8** - *O recolhimento do principal e dos juros não ilide a figura do alcance, sem prejuízo da posterior expedição da provisão de quitação ao responsável.*

- **SÚMULA Nº 9** - *As aquisições de obras de arte ou de valor histórico devem ser precedidas de laudo de autenticidade e avaliação.*
- **SÚMULA Nº 10** - *O preço final do produto ofertado pelos proponentes deve incluir os tributos e demais encargos a serem suportados pelo ofertante.*
- **SÚMULA Nº 11** - *Não basta o simples tabelamento de um produto para dispensar a administração pública de adquiri-lo mediante o competente certame licitatório.*
- **SÚMULA Nº 12** - *Depende de licitação a aquisição de combustíveis e derivados de petróleo pelos órgãos e entidades da administração pública estadual e municipal, direta e indireta, aí incluídas as fundações instituídas pelo poder público e empresas sob seu controle, não podendo eventual dispensa fundar-se no inciso VIII do artigo 24 da Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993.*
- **SÚMULA Nº 13** - *Não é lícita a contratação pelas Prefeituras Municipais de terceiros, sejam pessoas físicas ou jurídicas, para Revisão das Declarações para o Índice de Participação dos Municípios - DIPAMS, a qual deve ser feita por servidores públicos locais, valendo-se do auxílio da Secretaria Estadual da Fazenda.*
- **SÚMULA Nº 14** - *Exigências de comprovação de propriedade, apresentação de laudos e licenças de qualquer espécie só são devidas pelo vencedor da licitação; dos proponentes poder-se-á requisitar tão somente declaração de disponibilidade ou de que a empresa reúne condições de apresentá-los no momento oportuno.*
- **SÚMULA Nº 15** - *Em procedimento licitatório, é vedada a exigência de qualquer documento que configure compromisso de terceiro alheio à disputa.*
- **SÚMULA Nº 16** - *Em procedimento licitatório, é vedada a fixação de distância para usina de asfalto.*
- **SÚMULA Nº 17** - *Em procedimento licitatório, não é permitido exigir-se, para fins de habilitação, certificações de qualidade ou quaisquer outras não previstas em lei.*
- **SÚMULA Nº 18** - *Em procedimento licitatório, é vedada a exigência de comprovação de filiação a Sindicato ou a Associação de Classe, como condição de participação.*
- **SÚMULA Nº 19** - *Em procedimento licitatório, o prazo para apresentação das amostras deve coincidir com a data da entrega das propostas.*
- **SÚMULA Nº 20** - *As contratações que objetivem a monitoração eletrônica do sistema de trânsito devem ser precedidas de licitação do tipo “menor preço”, vedada a delegação ao particular de atividades inerentes ao Poder de Polícia da Administração, bem como a vinculação do pagamento ao evento multa.*

- **SÚMULA Nº 21** - *É vedada a utilização de licitação do tipo “técnica e preço” para coleta de lixo e implantação de aterro sanitário.*
- **SÚMULA Nº 22** - *Em licitações do tipo “técnica e preço”, é vedada a pontuação de atestados que comprovem experiência anterior, utilizados para fins de habilitação.*
- **SÚMULA Nº 23** - *Em procedimento licitatório, a comprovação da capacidade técnico-profissional, para obras e serviços de engenharia, se aperfeiçoará mediante a apresentação da CAT (Certidão de Acervo Técnico), devendo o edital fixar as parcelas de maior relevância, vedada a imposição de quantitativos mínimos ou prazos máximos.*
- **SÚMULA Nº 24** - *Em procedimento licitatório, é possível a exigência de comprovação da qualificação operacional, nos termos do inciso II, do artigo 30 da Lei Federal nº 8.666/93, a ser realizada mediante apresentação de atestados fornecidos por pessoas jurídicas de direito público ou privado, devidamente registrados nas entidades profissionais competentes, admitindo-se a imposição de quantitativos mínimos de prova de execução de serviços similares, desde que em quantidades razoáveis, assim consideradas 50% a 60% da execução pretendida, ou outro percentual que venha devida e tecnicamente justificado.*
- **SÚMULA Nº 25** - *Em procedimento licitatório, a comprovação de vínculo profissional pode se dar mediante contrato social, registro na carteira profissional, ficha de empregado ou contrato de trabalho, sendo possível a contratação de profissional autônomo que preencha os requisitos e se responsabilize tecnicamente pela execução dos serviços.*
- **SÚMULA Nº 26** - *É ilegal a exigência de recibo de recolhimento da taxa de retirada do edital, como condição para participação em procedimentos licitatórios.*
- **SÚMULA Nº 27** - *Em procedimento licitatório, a cumulação das exigências de caução de participação e de capital social mínimo insere-se no poder discricionário do administrador, respeitados os limites previstos na lei de regência.*
- **SÚMULA Nº 28** - *Em procedimento licitatório, é vedada a exigência de comprovação de quitação de anuidade junto a entidades de classe como condição de participação.*
- **SÚMULA Nº 29** - *Em procedimento licitatório, é vedada a exigência de certidão negativa de protesto como documento habilitatório.*
- **SÚMULA Nº 30** - *Em procedimento licitatório, para aferição da capacitação técnica, poderão ser exigidos atestados de execução de obras e/ou serviços de*

*forma genérica, ficando vedado o estabelecimento de apresentação de prova de experiência anterior em atividade específica, como realização de rodovias, edificação de presídios, de escolas, de hospitais, e outros itens.*

## **1.9 A Missão Pedagógica**

Recentes estudos indicam que a falta de adequada orientação técnica responde por considerável parcela dos desacertos cometidos na gestão do dinheiro recolhido da sociedade.

Diante disso, não poderia esta Casa esquivar-se de sua função pedagógica, que, muito embora não lhe esteja constitucionalmente determinada, é sempre intuito dos que buscam, sinceramente, aperfeiçoar a máquina governamental, melhorando a oferta dos serviços à população.

Para atingir estes objetivos, o Tribunal de Contas do Estado de São Paulo criou, já em 1988, a Coordenadoria de Capacitação e Aperfeiçoamento – CCA, que foi o embrião da atual Escola Paulista de Contas Públicas – EPCP, que hoje já conta com uma subsede na cidade de Araraquara funcionando na Unidade Regional daquele município, a quem compete toda a coordenação dos trabalhos de treinamento e capacitação dos servidores do Tribunal, Órgãos Fiscalizados e de todos os demais segmentos da sociedade.

Tal qual o que ora se lê, os manuais orientam, de forma clara e objetiva, os que militam na arrecadação e uso do dinheiro público.

Tais cartilhas são periodicamente revistas e ampliadas à luz de mudanças no regramento legal e nos entendimentos jurisprudenciais, notadamente os daqui desta Corte e dos tribunais superiores da Nação.

Então, nunca são imutáveis, dogmáticas, doutrinárias as posições ditas nos manuais e cartilhas.

Em nossa página eletrônica podem ser obtidos vários manuais e cartilhas; conforme segue:

- *Aplicação no Ensino e as novas regras*
- *Cartilha - Fiscalização Rede Escolar*
- *Compêndio de Consultas, Deliberações, Súmulas e Julgados*
- *Contas Anuais do Governador*
- *Contratos de Parcerias Público-Privadas Guia Básico - 2005*
- *Financiamento das Ações e Serviços Públicos de Saúde*
- *Guia de Orientação aos Membros do Conselho do FUNDEB*
- *Guia de Orientação aos Membros do Conselho Municipal de Saúde*
- *Índice de Efetividade da Gestão Municipal (IEGM) – Exercício 2014 / Apuração 2015*

- *Índice de Efetividade da Gestão Municipal (IEGM) – Exercício 2015 / Apuração 2016*
- *Lei de Responsabilidade Fiscal*
- *Manual Básico de Previdência*
- *Manual Básico Remuneração dos Agentes Políticos municipais - 2007*
- *Manual do Sistema Apenados*
- *Manual: Os cuidados com o último ano de mandato*
- *O Controle Interno do Município*
- *Orientação às Secretarias Estaduais e Unidades Gestoras*
- *O Tribunal e a Administração Indireta do Estado*
- *O Tribunal e a Gestão Financeira das Câmaras de Vereadores*
- *O Tribunal e a Gestão Financeira dos Prefeitos*
- *O Tribunal e as Entidades Municipais da Administração Indireta*
- *Repasses Públicos ao Terceiro Setor*
- *Tutorial do Sistema de Acompanhamento e Notificações*

### **1.10 A remessa eletrônica de registros financeiros - O Projeto AUDESP - Auditoria Eletrônica de Contas Públicas**

Desde 2003, o Projeto AUDESP vem sendo desenvolvido junto com entidades municipais e empresas de desenvolvimento de softwares, já tendo superado várias fases de implantação.

Com fundamento em normas legais, constitucionais e na boa técnica orçamentária, orientou o AUDESP quanto a conceitos e conteúdos das peças de planejamento orçamento: *Plano Plurianual, Lei de Diretrizes Orçamentárias e Lei Orçamentária Anual*.

Relativamente à execução do orçamento, padronizou-se estrutura de informações contábeis, com a finalidade de melhor integrar o planejamento e a execução operacional da lei orçamentária.

A partir de janeiro de 2009, com as Instruções nº 02/2008, aperfeiçoou-se a entrega eletrônica de documentos; entre eles as peças contábeis, de planejamento e as tabelas cadastrais.

O não encaminhamento sujeita o gestor às multas do artigo 104 da Lei Orgânica do Tribunal (videm item 1.8).

A não fidedignidade dos dados remetidos é falha grave, tal qual se vê no seguinte Comunicado:

**COMUNICADO SDG Nº 34/2009**

O TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO **alerta** que constitui falha grave a ausência de fidelidade das informações enviadas ao Tribunal de Contas em relação àquelas registradas na Origem, **vez que ofende aos princípios da transparência (art. 1º, §1º, da LRF) e da evidenciação contábil (art. 83 da Lei nº 4.320/64), ocasionando efetivo prejuízo à ação de controle dos recursos públicos.**

*As informações enviadas ao Sistema Audesp devem corresponder aos fatos registrados na Origem; alterações posteriores devem seguir normas, procedimentos e princípios aceitos pela ciência contábil.*

*Anote-se, ainda, que a responsabilidade pelos lançamentos e registros dos fatos contábeis é sempre dos jurisdicionados.*

*Eventual alegação de transferência de responsabilidade para empresas de fornecimento de sistemas ou terceiros não merece prosperar, vez que a responsabilidade pela contratação e a exigência de um bom e adequado serviço é exclusiva do contratante, cabendo a este adotar as providências necessárias por ocasião da avença e também na liquidação dos serviços executados.*

SDG, 27 de outubro de 2009.

Sérgio Ciquera Rossi

SECRETÁRIO-DIRETOR GERAL

Hoje, o AUDESP, após passar pelas fases acima mencionadas denominadas Fase I e II que compreendem a remessa de documentos e informações relativos aos Dados Contábeis, Peças de Planejamento e Prestações de Contas Anuais, entra agora em suas Fases III - Atos de Pessoal e IV - Informações de Licitações e Contratos que trarão maior celeridade na geração de informações relativas aos atos praticados pelas administrações municipais, atendendo assim ao princípio da transparência na gestão dos recursos públicos.

Por fim, há de se enfatizar que o Projeto AUDESP venceu, em abril de 2011, a 7ª edição do Prêmio Mário Covas; categoria *Excelência em Gestão Pública*; isso, entre 239 projetos inscritos. Tal concurso visa promover boas práticas de gestão pública, que aprimorem a qualidade dos serviços ofertados à população.

## 1.11 A defesa dos Jurisdicionados

A defesa dos direitos dos interessados está disposta no art. 210 do Regimento Interno:

*Art. 210. A defesa dos direitos dos interessados nos processos, além de outras modalidades constantes deste Regimento Interno, é assegurada por:*

*I - **notificação ou intimação** nos processos em tramitação no Tribunal;*

*II - **vista dos autos**, por si ou por procurador, legalmente constituído;*

*III - **permissão aos interessados de apresentação de documentos e alegações escritas**, endereçadas ao preparador do feito;*

*IV - **extração de certidões** de ato ou termo processual, mediante pedido escrito, dirigido, conforme o caso, ao Presidente, ao julgador ou preparador do feito;*

*V - **sustentação oral** perante o Tribunal Pleno ou às Câmaras, na forma estabelecida no art. 109 deste Regimento Interno.*

*§ 1º Iniciado o julgamento, não se concederá vista aos interessados, nem será ele suspenso para o fornecimento de certidões.*

*§ 2º Eventual pedido de juntada de documentos e alegações escritas poderá ser indeferido se o processo já estiver incluído em pauta.*

Necessário ressaltar que o atendimento ao inciso V do artigo 210 do RI pode hoje ser efetuado a partir das Unidades Regionais do Tribunal de Contas pelo Sistema de videoconferência implantado no ano de 2016.

## **2. A Prestação de Contas das Autarquias, Fundações, Empresas Públicas, Sociedades de Economia Mista e Consórcios Intermunicipais**

### **Forma e Prazos**

As Instruções nº 02/2016 do Tribunal de Contas estabelecem a forma e os prazos para remessa de dados, informações e documentos referentes à Gestão Fiscal e à Prestação Anual de Contas das entidades da Administração Municipal Indireta separando-as em grupos específicos, a saber:

**ÓRGÃOS INTEGRANTES DO ORÇAMENTO FISCAL E DA SEGURIDADE SOCIAL:** Incluídas aqui as Fundações, Entidades de Previdência, incluindo as constituídas na forma de Fundos e Empresas Estatais Dependentes, estas entendidas conforme definição do art. 2º, inciso III, da Lei de Responsabilidade Fiscal

A estes cabem as regras adiante:

Remessa de dados, informações e documentos referentes à Gestão Fiscal e à Prestação Anual de Contas de acordo com as disposições do Calendário Anual de Obrigações do Sistema AUDESP (Fases I e II), editado por Comunicado divulgado

no DOE e na página eletrônica deste Tribunal na internet, devendo os órgãos referidos observar com rigor os formatos, prazos, periodicidades e demais detalhes técnicos definidos naquele documento.

O Calendário Anual de Obrigações do Sistema AUDESP, a ser divulgado até 10 (dez) de dezembro de cada ano para vigorar no exercício seguinte, poderá sofrer alterações e ajustes por novos Comunicados, os quais também serão divulgados no DOE e na página eletrônica do TCESP na internet.

As análises geradas de forma automática, as situações de entregas e as consultas dos documentos enviados ficarão disponíveis aos órgãos jurisdicionados no Sistema AUDESP no sítio deste Tribunal de Contas que pode ser acessado no endereço <http://www4.tce.sp.gov.br/audesp/>, sendo este o meio oficial instituído para cientificação do responsável pelo Poder ou Órgão, sem prejuízo dos demais meios de comunicação oficial.

Os relatórios de instrução e alertas relativos aos limites e condições da Lei de Responsabilidade Fiscal e da Constituição Federal serão gerados pelo sistema eletrônico do Tribunal com base nos dados informados pela origem e ficarão disponíveis no Portal da Transparência Municipal do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, <http://transparencia.tce.sp.gov.br/>.

A ciência de leitura das informações relacionadas no parágrafo anterior será efetuada no Sistema AUDESP, por meio de *login* e senha de acesso.

Enquanto existirem pendências de leituras, o sistema não permitirá novas remessas de dados e informações.

No processamento dos documentos enviados, os erros porventura existentes, de acordo com as regras de validação publicadas, terão duas naturezas: indicativa e impeditiva. A primeira não impedirá o recebimento do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo documento, importando em aviso para futura correção; a segunda, por sua vez, impedirá o recebimento do documento, importando em falta de prestação de contas após o decurso do prazo de entrega e, consequentemente, em sujeição às penalidades previstas no art. 104 da Lei Complementar nº 709, de 14 de janeiro de 1993, e/ou suspensão das transferências voluntárias e operações de crédito nos termos da Lei Complementar nº 101, de 04 de maio de 2000 (LRF).

As informações remetidas por meio do sistema poderão ser substituídas, sem necessidade de solicitação, até o término do prazo de entrega. Após, não serão acatados pedidos de exclusão quando as alterações se referirem exclusivamente a registros contábeis, caso em que as correções deverão ocorrer por meio dos mecanismos técnicos admitidos, na forma de lançamentos de estorno ou complementar.

## **Órgãos não integrantes do Orçamento Fiscal e da Seguridade Social**

Incluídas aqui as Empresas Estatais não Dependentes e os Consórcios Intermunicipais instituídos antes da edição da Lei Federal 11.107/05.

Estes deverão enviar os dados, informações e documentos referentes às suas Prestações Anuais de Contas exclusivamente por meio eletrônico, observando-se a formatação prevista nas disposições atinentes ao e-TCESP divulgadas em Comunicado específico na página eletrônica do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. Para tanto, deverão possuir *login* e senha de acesso ao processo eletrônico, nos termos do Comunicado específico do e-TCESP.

Para as Sociedades de Economia Mista, não dependentes, o prazo para as prestações de contas é 31 (trinta e um) de maio quando realizarem Assembleia Geral Ordinária ou, quando não se submeterem a estes procedimentos, até 31 de março.

Para os Consórcios Intermunicipais instituídos antes da Lei Federal nº 11.107/05, o prazo para as prestações de contas é até 31 (trinta e um) de março.

Em ambos os casos, a serem apresentados está relacionado nos artigos 46 e 47 das Instruções nº 02/2016 do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo.

## **Consórcios Públicos (Lei Federal 11.107, de 06 de Abril de 2005)**

Para fins de fiscalização contábil, financeira, orçamentária, operacional e patrimonial, quanto à legalidade, à legitimidade e à economicidade das despesas, atos, contratos - inclusive de rateio e de programa - e outros ajustes firmados entre os entes da Federação consorciados e outros entes e instituições, exercida por meio do controle externo, e de julgamento das contas anuais dos consórcios públicos, bem como para a apreciação dos atos praticados por seu representante legal e seus administradores, gestores e demais responsáveis por bens e valores públicos, deverá ser encaminhada a este Tribunal, até o dia 31 (trinta e um) de março.

O rol de documentos a serem apresentados está relacionado no artigo 48 das Instruções nº 02/2016 do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo.

## **3. O Exame das Autarquias, Fundações, Consórcios e Empresas Estatais do Município**

### **3.1 Características Gerais**

No intuito de gerir obras e serviços públicos, os entes estatais (União, Estados e Municípios) podem se valer da descentralização administrativa, conferindo

determinadas atribuições a pessoas jurídicas por eles criadas mediante a lei, vindo isso a constituir a Administração indireta ou descentralizada.

Essa vontade política materializa as autarquias, fundações, empresas públicas e sociedades de economia mista, regidas umas pelo direito público (*autarquias; certas fundações*), outras pelo direito privado (*algumas fundações, empresas públicas e sociedades de economia mista*).

Segundo conceituação do Decreto-lei nº 200, de 1967:

- **Autarquia** é serviço autônomo, criado por lei, com personalidade jurídica, patrimônio e receita próprios, para executar atividades típicas da Administração Pública, que requeiram, para seu melhor funcionamento, gestão administrativa e financeira descentralizada.
- **Empresa Pública** – é a entidade dotada de personalidade jurídica de direito privado, com patrimônio próprio e capital exclusivo da União, criado por lei para a exploração de atividade econômica que o Governo seja levado a exercer por força de contingência ou de conveniência administrativa podendo revestir-se de qualquer das formas admitidas em direito (**Redação dada pelo Decreto-Lei nº 900, de 1969**).
- **Sociedade de Economia Mista** – é a entidade dotada de personalidade jurídica de direito privado, criada por lei para a exploração de atividade econômica, sob a forma de sociedade anônima, cujas ações com direito a voto pertençam em sua maioria à União ou à entidade da Administração Indireta (**Redação dada pelo Decreto-Lei nº 900, de 1969**).
- **Fundação Pública** – é a entidade dotada de personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, criada em virtude de autorização legislativa, para o desenvolvimento de atividades que não exijam execução por órgãos ou entidades de direito público, com autonomia administrativa, patrimônio próprio gerido pelos respectivos órgãos de direção, e funcionamento custeado por recursos da União e de outras fontes (**Incluído pela Lei nº 7.596, de 1987**).

Quanto à figura do Consórcio Intermunicipal, melhor se dirá no item 5 deste Manual.

Independentemente do direito que as informam, há traços convergentes entre aquelas entidades. Maria Sylvia Zanella Di Pietro assim sintetiza os pontos comuns<sup>5</sup>:

---

5 “Direito Administrativo” - Maria Sylvia Zanella Di Pietro, 14ª. edição, Atlas, São Paulo.

- *“Todas têm personalidade jurídica própria, o que implica direitos e obrigações definidos em lei, patrimônio próprio, capacidade de auto-administração, receita própria;*
- *A sua criação é sempre feita por lei, exigência que consta agora do art. 37, XIX, da Constituição;*
- *A sua finalidade essencial não é o lucro e sim a consecução do interesse público;*
- *Falta-lhes liberdade na fixação ou modificação de seus próprios fins; é a própria lei singular que, ao criar a entidade, define o seu objeto, o qual só pode ser alterado por outra lei da mesma natureza;*
- *Elas não têm a possibilidade de se extinguirem pela própria vontade; sendo criadas por lei, só outra lei poderá extingui-las, em consonância com o princípio do paralelismo das formas; por isso mesmo, não se aplicam a essas entidades as formas normais de extinção previstas no direito civil e comercial;*
- *A todas elas se aplica o controle positivo do Estado, o qual tem por finalidade verificar se a entidade está cumprindo os fins para os quais foi criada.”*

### 3.2 O Princípio da Especialização

Autarquias, fundações, consórcios e empresas estatais resultam do processo de descentralização estatal; por esse motivo, orientam-se, com vigor, pelo **princípio da especialização**. Daí que o desvio de finalidade é grave distorção na administração indireta.

Por tal razão, esta Corte de Contas **rejeita gestões que concedem empréstimos à Administração direta (Prefeitura)**, eis que eventual sobra monetária deve ser aplicada, única e tão somente, nos fins para os quais se criou, legalmente, a entidade descentralizada.

Resta claro, assim, que o exame operacional, finalístico, de execução programática é tarefa importante na apreciação das contas da Administração indireta.

Vital, assim, que os dirigentes da Administração indireta bem anotem, **no relatório de atividades**, não só as obras e novos serviços, mas, também, a operação dos preexistentes serviços. Exemplificando:

- *Fundação educacional: realização de 50 cursos para 1.800 alunos; concessão de 180 bolsas de estudo;*
- *Empresa de desenvolvimento urbano: atendimento de 10.000 moradias; pavimentação de 150 km. de ruas; limpeza de todos os logradouros públicos do Município; construção de 3 km. de galerias pluviais;*
- *Autarquia de água e esgoto: atendimento de 10.000 residências; construção de uma estação de tratamento de água.*

### 3.3 A autorização Orçamentária

Do mesmo modo que o ente central, as células da Administração descentralizada submetem-se ao princípio da unidade orçamentária, consagrado que está no art. 165, § 5º, I e II da Constituição.

Assim, da autorização legal jamais se afastam os orçamentos de autarquias, fundações, empresas públicas e sociedades de economia mista; estas últimas, desde que dependentes do Tesouro.

Em suma, a Lei Orçamentária Anual preverá receitas e despesas não só da Administração direta, mas, também, daquelas pessoas descentralizadas, cabendo anotar que as empresas estatais autônomas, não dependentes do Caixa Central, somente elas apresentam, no orçamento, apenas sua programação de investimentos (art. 165, § 5º, II, da Constituição).

Nesse passo, o art. 107 da Lei nº 4.320, de 1964, não foi recepcionado pela vigente Carta Política. Tal dispositivo facultava que o orçamento de autarquias e paraestatais pudesse ser aprovado mediante decreto do Chefe do Poder Executivo.

Ao dispensar a permissão legal, o gasto descentralizado está a contrariar sobre dita norma constitucional, bem assim o art. 167, I e II da mesma Lei Maior.

No processo orçamentário, os gestores da Administração indireta, em conjunto com as Secretarias de Planejamento e Fazenda, devem atentar para certas recomendações dos Comunicados SDG 14 e 29, de 2010.

#### **COMUNICADO SDG nº. 14, de 2010**

**O Tribunal de Contas do Estado de São Paulo** alerta que, em face do atual processo de elaboração da Lei de Diretrizes Orçamentárias – LDO, devem os jurisdicionados atentar para o que segue:

1 - A Lei de Diretrizes Orçamentárias há de estabelecer critérios para repasse financeiro a entidades do terceiro setor, podendo ainda explicitar, em anexo próprio, o nome desses beneficiários. É o que se vê no art. 4º, I, "f" c.c. art. 26, ambos da Lei de Responsabilidade Fiscal.

2 - Em vista do fundamental princípio da transparência fiscal, aquelas condições não podem apresentar-se genéricas.

3 - Assim, há de haver certo detalhamento que iniba a má utilização do dinheiro público. Cabem, assim, critérios que ora se exemplificam: a) certificação da entidade junto ao respectivo conselho municipal; b) o beneficiário deve aplicar, nas atividades-fim, ao menos 80% de sua receita total; c) manifestação prévia e expressa do setor técnico e da assessoria jurídica do governo concedente; d) declaração de funcionamento regular, emitida por duas autoridades de outro nível de governo; e) vedação para entidades cujos dirigentes sejam também agentes políticos do governo concedente.

**4- Tendo em mira os dispositivos mencionados no item 1, a Lei de Diretrizes Orçamentárias há de também enunciar critérios para ajuda financeira a entidades da Administração indireta do mesmo nível de governo.**

**5- Destinados a autarquias, fundações, empresas públicas ou sociedades de economia mista, as transferências monetárias do ente central devem, portanto, submeter-se a condições ditas na LDO, às quais, em nível de exemplo, podem assentar-se em metas operacionais a ser cumpridas por aquelas entidades subvencionadas.**

6- Para atender ao art. 45 da Lei de Responsabilidade Fiscal, deve o Poder Executivo, em anexo próprio da LDO, mostrar que as obras em andamento disporão de suficiente dotação no próximo orçamento. Do contrário, a Administração justificará, naquele anexo, a paralisação ou o retardamento do projeto.

7-.....

8- A Lei de Diretrizes Orçamentárias deve prescrever objetivos critérios para limitação da despesa, caso haja queda na arrecadação prevista (art. 4º, I, "b", da Lei de Responsabilidade Fiscal).

9- Para atender à **especificidade** dita no art. 169, § 1º, II da Constituição, a Lei de Diretrizes Orçamentárias deve autorizar, no **específico programa** do anexo de metas e prioridades, a criação de cargos, empregos ou funções, a concessão de qualquer vantagem ou aumento remuneratório, bem como a admissão ou contratação de pessoal.

10- No escopo de possibilitar o controle do art. 73, VI, "b" e VII da Lei Eleitoral, deve a LDO prever que os gastos de propaganda e publicidade oficial componham específica atividade programática.

SDG, 20 de abril de 2010

SÉRGIO CIQUERA ROSSI

SECRETÁRIO-DIRETOR GERAL

#### COMUNICADO SDG nº 29, de 2010

**O Tribunal de Contas do Estado de São Paulo** comunica que, na elaboração do projeto de lei orçamentária, deve a Administração atentar para os seguintes cuidados.

1. Para satisfazer princípio básico de responsabilidade fiscal, os programas governamentais devem ser bem previstos, daí evitando as constantes alterações ao longo da execução orçamentária.

**2. O projeto orçamentário agregará todas as entidades públicas do nível de governo, o que inclui Administração direta, autarquias, fundações, empresas públicas e sociedades de economia mista; isso, nos termos do art. 165, § 5º da Constituição.**

3. ....

4. Tendo em mira o princípio orçamentário da exclusividade, os institutos constitucionais da transposição, remanejamento e transferência serão objeto de lei específica e, não, de autorização genérica no orçamento anual (art. 167, VI da CF).

5. Conforme o art. 15 da Lei nº 4.320, de 1964, a despesa orçamentária será decomposta, no mínimo, até o nível do elemento.

6. Quanto aos precatórios judiciais, o montante das dotações deve conformar-se à opção feita no Decreto que, a modo dos incisos I e II, § 1º, art. 97 do ADCT, tenha sido editado pelo Poder Executivo.

7. ....

8. ....

9. *A inclusão de obras e outros projetos depende do atendimento orçamentário dos que estão em andamento (art. 45 da Lei de Responsabilidade Fiscal).*

10. ....

11. *No escopo de controlar o art. 73, VI, "b" e VII da Lei Eleitoral, deve haver específica Atividade para os gastos de propaganda e publicidade, especialmente quanto ao último ano de mandato.*

12. *Para satisfazer o princípio da transparência fiscal, há de também haver específica Atividade para receptionar despesas sob o regime de adiantamento (art. 68 e 69 da Lei nº. 4.320, de 1964).*

13. ....

14. ....

*SDG, 6 de agosto de 2010*

*SÉRGIO CIQUERA ROSSI*

*SECRETÁRIO-DIRETOR GERAL*

### 3.4 A sujeição à Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF)

Tal disciplina alcança todos os entes da Federação: União, Estados, Distrito Federal e Municípios, seus Poderes, fundos e entidades da Administração indireta: autarquias, fundações e empresas estatais, destas excluídas as que **não** dependem do Tesouro Central.<sup>6</sup>

Com isso, livre da LRF está, por exemplo, uma empresa estatal que arrecada, ela mesma, o suficiente para seu próprio custeio e investimento, ainda que, para tanto, venda mercadorias e serviços à Prefeitura, exigindo tais operações, vale ilustrar, a contabilização intraorçamentária, para evitar a dupla contagem no balanço consolidado (*Portaria Interministerial nº 338, de 26/04/2006*).

Mesmo não dependentes do erário central, autarquias e fundações da Administração estão ambas submetidas aos limites e condições da Lei de Responsabilidade Fiscal.

Também obedecem ao regime fiscal os consórcios públicos, quer os antigos, quer os novos, regulados pela Lei nº 11.107, de 2005.

<sup>6</sup> Conforme art. 2º, III, LRF; art. 1º, § 1º, III, Resolução Senatorial 43/2001 e art. 2º, II da Resolução Senatorial 43/2001.

### 3.5 O Regime de Contabilidade e o impacto do resultado de exercício sobre a situação patrimonial

Autarquias, consórcios públicos e fundações de direito público sujeitam-se à Lei n.º 4.320, de 1964; registram, ao final de cada ano civil, superávit ou déficit de execução orçamentária.

Algumas fundações e consórcios e todas as empresas públicas e sociedades de economia mista submetem-se à Lei n.º 6.404, de 1976; registram, ao final do exercício, resultado positivo (*“lucro”*) ou resultado negativo (*“prejuízo”*).

Haja vista que a Lei de Responsabilidade Fiscal objetiva, fundamentalmente, a economia de despesas para, com ela, reduzir o tamanho da dívida, por esse motivo, esta Casa de Contas ***recusa balanços que, mesmo com baixa taxa de descompasso anual entre receitas e despesas (pequeno déficit ou baixo prejuízo), carregam, de anos anteriores, considerável estoque de Restos a Pagar sem cobertura de caixa ou, no caso das entidades públicas de direito privado, significativo patrimônio líquido negativo (vide item 6.2).***

Regidas pelo direito privado, certas fundações e empresas estatais devem produzir, em separado, demonstrativos segundo a Contabilidade Pública<sup>7</sup>; deve ser assim para possibilitar a consolidação financeira com as entidades de direito público do mesmo ente estatal; eis o que quer a Portaria 589/2001, da Secretaria do Tesouro Nacional (STN).

### 3.6 A Despesa de Pessoal

Não há limites específicos para a despesa de pessoal de autarquias, fundações ou estatais dependentes.

Assim, pode uma autarquia gastar com pessoal, por exemplo, 98% de sua receita, desde que, no consolidado de todo o Executivo, o percentual fique abaixo dos 54% incidentes sobre a receita corrente líquida do Município, ou seja, o limite fiscal daquele Poder.

Verificados excessos naquelas entidades descentralizadas, pode a Prefeitura propor, na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), freios ao dispêndio laboral de autarquias, fundações e estatais dependentes.

A propósito, pode-se também sugerir que a LDO enuncie impedimentos de término de gestão também para a Administração indireta; eis a vedação para assumir despesas nos dois últimos quadrimestres (*art. 42 da LRF*) ou da proibição

---

<sup>7</sup> Segundo ditames da Lei 4.320, de 1964.

de aumentar a despesa de pessoal nos derradeiros 180 dias do mandato (*art. 21, parágrafo único da LRF*).

Bastante salutar tal procedimento; evita que sobreditas entidades sirvam de “*válvula de escape*” para eventuais desvios da Prefeitura.

### **3.7 O repasse do Tesouro Central para Autarquias, Fundações e Empresas Dependentes**

Para evitar dupla contagem na consolidação de balanços de um mesmo ente da Federação, a Portaria Interministerial nº 163, de 2001, estabelece que, para o simples apoio financeiro entre entidades públicas, os repasses não oneram o orçamento do concessor; não há mais aqui a despesa orçamentária.

Assim, são fatos financeiros, nunca orçamentários, extraorçamentários, as transferências da Prefeitura para suas autarquias, fundações e estatais dependentes. Por extensão, acontece despesa somente quando a beneficiária gasta o dinheiro recebido da concedente.

Via de consequência, em cada pessoa jurídica da Administração indireta, o resultado de exercício considera, de um lado, os recebimentos extraorçamentários e a receita orçamentária própria; de outro, as despesas orçamentárias.

Esse sistema extraorçamentário, bom ressaltar, vale, tão somente, para a ajuda financeira entre pessoas públicas de idêntica esfera de governo, o que exclui qualquer contraprestação, em bens ou serviços, pelo ente beneficiado.

De todo modo, a Lei de Diretrizes Orçamentárias há de enunciar os critérios para tal apoio às autarquias, fundações e empresas dependentes (*art. 4º, I, “f”, da LRF*); aliás, tal foi alertado pelo Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, conforme já mencionado no item 3.3 deste Manual.

Prevista no art. 9º da Lei de Responsabilidade Fiscal, a limitação da despesa não obrigatória, às vezes, também restringe a ajuda financeira vinda do ente central; para tanto, deve haver frustração da arrecadação prevista e comprometimento das metas propostas na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO).

De todo modo, os critérios para cortar tais repasses hão de estar ditos, de forma cristalina, naquela lei de diretrizes (*art. 4º, I, “b” da LRF*).

Diferente, na venda de bens e serviços entre entidades da mesma esfera governamental, o comprador prossegue empenhando em favor da entidade vendedora. É bem o caso, para se ter um exemplo, quando a Prefeitura paga, à autarquia de água e esgoto, os serviços mensalmente utilizados. Aqui, sim, o ente central faz despesa orçamentária (empenho) para pagar a entidade descentralizada (*vide Portarias STN n.º 688/05 e 338/06*).

Então, quando uma entidade adquire bens e serviços de outra célula **do mesmo nível de governo**, nessa operação intragovernamental o comprador empenha contra a **modalidade 91**<sup>8</sup>. De seu lado, o vendedor recepciona a entrada na subcategoria **receita intraorçamentária**.

À vista de ser uma só a origem daquele dinheiro, contá-lo como receita na entidade compradora e, também, na entidade vendedora, tal prática conduz à duplicidade no balanço geral do Município. Daí que, na consolidação das contas, precisam ser expurgadas as bem identificadas receitas intraorçamentárias.

Para a sobredita Portaria 338, tal método, intraorçamentário, alcança as contribuições patronais ao regime próprio de previdência dos servidores (RPPS).

Sendo multigovernamental, o consórcio público não é, claro, ente de um só Município. As contribuições municipais àquela entidade nunca oneram a sobredita *modalidade 91*, mas, sim, a *modalidade 71 – Consórcios Públicos*. Depois, o acolhimento da receita, no Consórcio, nunca é intraorçamentário, mas simplesmente orçamentário (*código 1723.37.00 – Transferências a Consórcios Públicos*).

### **3.8 Recolhimento do Imposto de Renda à Tesouraria da Prefeitura**

Incidente sobre rendimentos pagos (salários, serviços), o Imposto de Renda retido por autarquias, fundações e consórcios públicos deve ser recolhido à matriz do Município, ou seja, a Prefeitura. É bem isso o que se infere do artigo 158, I, da Constituição:

*“Art. 158. Pertencem aos Municípios:*

*I - o produto da arrecadação do imposto da União sobre renda e proventos de qualquer natureza, incidente na fonte, sobre rendimentos pagos, a qualquer título, por eles, suas autarquias e pelas fundações que instituírem e mantiverem.*

## **4. Os três tipos de Fundações fiscalizadas pelo Tribunal de Contas do Estado de São Paulo**

### **4.1 Características básicas**

Fundação é patrimônio personalizado, afeto a finalidade precisa, bem determinada.

---

<sup>8</sup> *Aplicação Direta Decorrente de Operação entre Órgãos, Fundos e Entidades Integrantes dos Orçamentos Fiscal e da Seguridade Social.*

No passado, as fundações eram sempre regidas pelo direito privado, ainda que criadas pelo setor governamental.

Hoje e sob a órbita pública, tais pessoas submetem-se quer ao direito público <sup>9</sup>, quer ao regime privado, dependendo apenas da vontade estatal, expressa na lei de criação (art. 37, XIX da CF).

A fiscalização do TCESP alcança 3 (três) tipos de entidade fundacional; um deles, tal qual depois melhor se verá, não é instituído, nem mantido pelo Poder Público.

São essas as espécies de fundação jurisdicionada:

- 1 - *Fundação Típica.*
- 2 - *Fundação de Apoio.*
- 3 - *Fundação Conveniada.*

**A fundação típica** é instituída e mantida pelo Poder Público; constitui, na verdade, prolongamento da Administração central. Bem por isso, é designada, na doutrina, como “*autarquia fundacional*”. Então, tal espécie se filia, estreitamente, às políticas apresentadas nos planos diretores e orçamentários do Município, assim como o é, por exemplo, com as autarquias e empresas dependentes. Regra geral deve a fundação típica ser regida pelo direito público, mas, não raro, tal também acontece sob o direito privado. Em nível do Governo do Estado de São Paulo, seguem exemplos: Fundação Zoológico; Fundação de Desenvolvimento da Educação – FDE; Fundação SEADE.

**A fundação de apoio** é instituída, **mas não mantida** pelo Poder Público; isso, apesar de vender, em predominância, bens e serviços para entidades governamentais (*no mais das vezes, serviços de saúde, de educação e relacionados a pesquisas*). Regula-se pelo direito privado em tudo o que não contraria os fins governamentais; com efeito, não tem a entidade de apoio vontade inteiramente própria; pode ser extinta, mediante lei, pelo instituidor: a Administração central. Tal qual a empresa estatal não dependente, tal fundação comparece, no orçamento, de duas formas: a) *vinculando dotação para o ente central adquirir-lhe bens e serviços*; b) *detalhamento da programação de investimentos*. Eis exemplos de fundação típica: Fundação Adib Jatene, Fundação Zerbini, Fundação Padre Anchieta.

**A fundação conveniada não é instituída, tampouco mantida pelo Poder Público.** Regula-se pelo direito privado e labora sob o exclusivo querer do particular. Daí que não compõe orçamentos e balanços do setor público. Aqui se põe óbvia pergunta: por que então essa entidade é jurisdicionada ao Tribunal de Contas? É porque mantém, com o poder público, convênios permanentes, de grande efeito vinculante, geralmente pela utilização de marca de excelência da Administração

---

9 Apesar de o Código Civil (art. 44, III), conceituar que fundação opera sobre o direito privado.

Pública, sobretudo o das universidades estaduais (USP, UNICAMP, UNESP). Exemplo: FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas; FIA – Fundação Instituto de Administração, FECAMP – Fundação Economia de Campinas.

## 4.2 A Fiscalização das Fundações

### 4.2.1 Fiscalização da Fundação Típica

*Quanto à fiscalização da fundação típica*, o exame se assemelha ao das autarquias; a diferença se dá no campo contábil, porquanto há fundações típicas instituídas sob o direito privado e, por isso, não submetidas às regras da contabilidade pública. De toda forma, devem tais entidades atuar segundo as regras básicas da Administração Pública, realizando licitações, concursos públicos, processos seletivos para contratações temporárias, sem prejuízo de depositar sua quota no parcelamento de precatórios judiciais, de cobrar dívida ativa e levantar balanços tal qual o regime a que se sujeitem: a) direito público (Lei nº 4.320, de 1964); b) direito privado (Lei nº 6.404, de 1976).

Considerando que aquelas entidades típicas dependem do Tesouro, à vista desse contexto em que não há contraprestação direta em bens e serviços, o ente central não mais empenha a subvenção; agora, o repasse é feito de modo financeiro, extraorçamentário.<sup>10</sup>

### 4.2.2 Fiscalização da Fundação de Apoio

*Na fiscalização da fundação de apoio* vê-se mais a gestão conforme as normas próprias (*estatuto, regimento, regulamento de pessoal*); observa-se, de igual modo, o adequado uso do aportado patrimônio público e, ainda, a eventual reiteração de déficits anuais, posto que seja isso risco fiscal para a Administração direta (Prefeitura).

*No tocante às aquisições*, não se exige licitação para as atividades-fim (*ex.: a Fundação Zerbini não precisa licitar a compra de um equipamento de radiologia*). Contudo, a fundação de apoio deve, sim, fazer licitação para suprir sua atividade-meio (*ex.: compra de material de escritório e limpeza; contratação de serviços de vigilância*).

---

<sup>10</sup> Segundo a Cartilha “O Tribunal e a Gestão Financeira dos Prefeitos”, “em face da Portaria Interministerial nº. 163, de 2001, meros repasses a Autarquias, Fundações e Empresas não mais oneram a despesa orçamentária da Prefeitura. De outro lado, essa ajuda financeira representa efetiva saída de dinheiro; uma redução da receita arrecadada pela Prefeitura. Diante disso, essas transferências devem somar-se à despesa orçamentária da Prefeitura”.

**Relativamente à admissão de pessoal**, não há necessidade de concurso para profissionais que atuarão na atividade-fim (*ex.: contratação de cientista para a Fundação Adib Jatene se submete apenas ao regulamento interno e, não, a concurso público*); todavia, os que militarão na atividade-meio, esses sim, serão admitidos por concurso público (*ex.: atendentes, pessoal de escritório, vigilantes*).

#### **4.2.3 Fiscalização da Fundação Conveniada**

Na **fiscalização da fundação conveniada** se observa o cumprimento dos convênios firmados com a Administração direta, especialmente o pagamento por utilização de logomarca estatal; também, anota a Fiscalização se a entidade conveniada está utilizando equipamentos e servidores públicos, o que é de todo inadequado. Ainda, há de se observar a submissão a seus próprios regulamentos. Enfim, é privada, específica, não pública, a regra operativa dessa espécie fundacional, **não precisando ela licitar; tampouco realizar concurso ou processo de seleção de pessoal**.

## **5. Os Consórcios Públicos**

### **5.1 Características gerais**

Consórcio Público é associação que reúne entes federados visando prestação mais racional, eficiente e econômica de serviços públicos de interesse comum.

Eis um compartilhamento de servidores, máquinas e equipamentos, saber tecnológico e capacidade administrativa.

Há consórcios voltados para atendimento mais complexo na área da saúde, proteção de bacias hidrográficas, reflorestamento, aterro sanitário, fornecimento de máquinas agrícolas.

Introduzido pela Emenda nº 19, de 1998 (*Reforma Administrativa*), o art. 241 da Constituição veio solicitar a regulamentação legal do Consórcio:

*“Art. 241. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios disciplinarão por meio de lei os consórcios públicos e os convênios de cooperação entre os entes federados, autorizando a gestão associada de serviços públicos, bem como a transferência total ou parcial de encargos, serviços, pessoal e bens essenciais à continuidade dos serviços transferidos.*”

Passados sete anos, em abril de 2005, edita a União normas gerais sobre consórcios públicos; é a Lei 11.107.

Dois anos depois, o Decreto federal nº 6.017, de 2007 regulamenta sobredito diploma.

Antes dessa normatização geral, os consórcios, algumas vezes, sequer dispunham de personalidade jurídica; eram mero acordo de vontade estatal<sup>11</sup>. Diferente, a Lei 11.107 quer a individualização jurídica da associação multigovernamental:

*“Art.. 1º - O consórcio público constituirá associação pública ou pessoa jurídica de direito privado”*

De todo modo, importante ressaltar que os antigos consórcios administrativos - os anteriores à Lei 11.107 - podem permanecer na antiga situação jurídica; a readequação é facultativa:

*“Art. 19. O disposto nesta Lei **não** se aplica aos convênios de cooperação, contratos de programa para gestão associada de serviços públicos ou instrumentos congêneres, que tenham sido celebrados anteriormente a sua vigência”*

Não obstante a falta de objetivação legal, doutrina majoritária entende que, mesmo sob direito privado, integra o Consórcio a Administração indireta dos entes participantes, do mesmo modo que as empresas públicas e sociedades de economia mista.

Reforça esse entendimento o fato de os **consórcios de direito privado**, mesmo eles, precisarem licitar, celebrar contratos sob a Lei nº 8.666, admitir pessoal celetista por concurso ou processo seletivo, escriturar seu movimento financeiro nos padrões da Contabilidade Pública, além de prestar contas ao órgão constitucional de controle externo (Tribunal de Contas).

Não bastassem esses argumentos, todo e qualquer contrato de consórcio público será celebrado com a ratificação, **mediante lei**, do protocolo de intenções.

Esse protocolo estabelece diretrizes fundamentais para o funcionamento do Consórcio: *área de atuação; forma jurídica; composição da assembleia; remuneração dos empregados, entre outras linhas básicas.*

Nos moldes do Decreto federal nº 6.017, o mandato do dirigente cessa quando este já não é mais Prefeito do município que representa no Consórcio.

No intento de garantir eficiência operacional, desfrutaram os novos consórcios dos seguintes privilégios:

---

11 Os consórcios intermunicipais passaram a existir, com mais vigor, entre as décadas de 1980 e 1990.

- **Entidades com menos de 3 (três) consorciados:** aumentam-se, **em dobro**, os limites licitatórios para *Convite, Tomada de Preços e Concorrência*; **entidades com mais de 3 (três) participantes: triplicam-se** aludidas barreiras (ex: a *Concorrência para obras só acontece para cifras maiores que R\$ 4,5 milhões*<sup>12</sup>).
- **As dispensas licitatórias, por valor<sup>13</sup>, têm seu limite dobrado.**
- Os consórcios são contratados, **sem licitação**, por entidades governamentais, desde que firmados contratos de programa (art. 24, XXVI da sobredita lei).
- Possibilidade de receber ajuda financeira de entidades governamentais não consorciadas (auxílios, subvenções, contribuições);
- Regido pelo direito público, pode o Consórcio promover desapropriações segundo declaração de utilidade realizada pelo Poder Público. No caso, deve o Consórcio atentar para as cautelas ditas no art. 16 da Lei de Responsabilidade Fiscal (*estimativa trienal de impacto orçamentário-financeiro; declaração de compatibilidade com as leis orçamentárias dos consorciados*).
- Arrecadar tarifas pela prestação de serviços.
- Outorgar concessão, permissão ou autorização de obras ou serviços.

Consórcios antigos, não adaptados à Lei 11.107, de 2005, a rigor, não podem se beneficiar dos mencionados privilégios. É o que prescreve o art. 19: “*O disposto nesta Lei não se aplica aos convênios de cooperação, contratos de programa para gestão associada de serviços públicos ou instrumentos congêneres, que tenham sido celebrados anteriormente a sua vigência*”.

Os municípios envolvidos somente entregarão dinheiro ao Consórcio depois de firmado o contrato de rateio, instrumento válido por um exercício financeiro, exceto para as ações contempladas no Plano Plurianual dos participantes ou as que geram tarifas:

---

12 Art. 23, § 8º da Lei nº 8.666/93 - “No caso de consórcios públicos, aplicar-se-á o dobro dos valores mencionados no caput deste artigo quando formado por até 3 entes da Federação, e o triplo, quando formado por maior número”.

13 Art. 24, I e II da Lei nº 8.666, de 1993.



### 5.3 A apropriação da Despesa pelos Municípios Consorciados

A cada dois meses, deve o Consórcio informar o tamanho da receita própria, o gasto com pessoal e a magnitude da dívida de curto e longo prazo; tudo isso para que os municípios consorciados, em proporção ao contrato de rateio, façam a apropriação em seus específicos balanços e relatórios fiscais.

É bem isso o que reza o art. 8º, § 4º da Lei 11.107:

*“§ 4º Com o objetivo de permitir o atendimento dos dispositivos da **Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000**, o consórcio público deve fornecer as informações necessárias para que sejam consolidadas, nas contas dos entes consorciados, todas as despesas realizadas com os recursos entregues em virtude de contrato de rateio, de forma que possam ser contabilizadas nas contas de cada ente da Federação na conformidade dos elementos econômicos e das atividades ou projetos atendidos”.*

Conforme a Portaria nº 860/2005, da Secretaria do Tesouro Nacional, os valores capitalizados, no Consórcio, serão contabilizados, proporcionalmente, no ativo permanente dos entes consorciados (*ex.: compra de máquinas, equipamentos, terrenos, prédios, veículos*). Tal se dá na conta *“Investimento de Participação em Consórcio Público”*.

Importante mencionar aqui a Portaria STN nº 274/2016 que estabelece regras gerais de consolidação das contas dos consórcios públicos a serem observadas na gestão orçamentária, financeira e contábil, em conformidade com os pressupostos da responsabilidade fiscal.

Da norma acima destacamos a necessidade de transparência de tais entidades trazida no artigo 14 onde se determina que, para fins de transparência na gestão fiscal, o consórcio público deverá dar ampla divulgação, inclusive por meio eletrônico de acesso público, aos seguintes documentos:

- o orçamento do consórcio público;
- o contrato de rateio;
- as demonstrações contábeis previstas nas normas gerais de direito financeiro e sua regulamentação.

#### **Os seguintes demonstrativos fiscais:**

##### **Do Relatório de Gestão Fiscal:**

- Demonstrativo da Despesa com Pessoal;

- Demonstrativo da Disponibilidade de Caixa; e
- Demonstrativo dos Restos a Pagar.

#### **Do Relatório Resumido da Execução Orçamentária:**

- Balanço Orçamentário;
- Demonstrativo da Execução das Despesas por Função e Subfunção.  
A aplicação da referida norma está fixada em seu artigo 18, inciso I, ou seja:
- Obrigatoriamente, a partir de 2017 e quanto à elaboração, em 2016, do respectivo projeto de lei orçamentária; e
- Facultativamente, em 2016, no que concerne aos demais aspectos.

## **6. A apuração do Resultado do Exercício**

### **6.1 O resultado orçamentário das entidades regidas pelo Direito Público (Autarquias, certas Fundações e Consórcios Públicos)**

Em cada ano civil (*exercício financeiro*), o resultado entre receitas arrecadadas e despesas empenhadas é, sem dúvida, o mais importante na avaliação fiscal das entidades de direito público. Põe-se aqui o resultado da execução orçamentária.

Por intermédio do resultado orçamentário se vê o aumento ou a diminuição da dívida que, de longe, mais pesa nas finanças municipais: a de curto prazo, também conhecida por déficit financeiro, composto, em imensa maioria, por Restos a Pagar sem cobertura monetária.

Com efeito, o superávit orçamentário gera sobra financeira que reduz aquele endividamento de curto prazo. Em sentido contrário, o déficit orçamentário aumenta, mais ainda, o estoque de Restos a Pagar sem amparo de caixa.

Tem em mira que a Lei de Responsabilidade Fiscal induz superávits para reduzir a dívida pública, este Tribunal ***recusa déficits orçamentários, mesmo os de baixa monta; isso, desde que carregue a Fazenda Municipal significativo estoque de Restos a Pagar sem lastro financeiro.***

Todavia, um déficit orçamentário pode ser absolutamente lícito, desde que amparado em um absolutamente descompromissado superávit financeiro do ano anterior. É bem a isso o que se refere o art. 43, § 1º, I, da Lei n.º 4.320, de 1964.

### 6.1.1 Cautelas na apuração do resultado de Execução Orçamentária

Fundamental a correta apuração do resultado de execução orçamentária nas entidades reguladas pelo direito público. Sob pena de ajuste por parte da fiscalização desta Corte, deve a Administração atentar para o que segue:

- Haja vista o art. 71, I e II da Constituição, este Tribunal aprecia, uma a uma, as entidades públicas do Município, fazendo juízo individual sobre Prefeituras, autarquias, fundações e empresas estatais. Nesse passo, o balanço orçamentário e financeiro das entidades descentralizadas deve conter, somente, a movimentação específica de tais pessoas jurídicas, jamais agregando os números da Administração direta (Prefeitura e Câmara).
- A despeito do art. 38 da Lei nº. 4.320, o cancelamento de Restos a Pagar não deve gerar uma receita orçamentária fictícia, escritural, de “papel”; a boa técnica recomenda que tal anulação deva ser feita independente da execução orçamentária.
- Mesmo que líquida e certa, não pode ser orçamentariamente contabilizada a receita que ainda não virou dinheiro no caixa das entidades descentralizadas de direito público; é assim face ao regime de caixa aludido no art. 35, I da Lei nº. 4.320, de 1964.
- À vista do regime de competência da despesa e a norma do prévio empenho, não se pode empenhar, somente no ano seguinte, despesas de pessoal incorridas no mês de dezembro (*art. 35, II c.c. art. 60 da Lei nº 4.320, de 1964 e art. 18, § 2º da LRF*).

### 6.1.2 Fórmula de cálculo do resultado da Execução Orçamentária

Receitas		Previsão	Realização	AH %	AV %
Receita Total					
Ajustes					
<b>Total</b>		-	-		<b>100,00%</b>
Despesas		Fixação Final	Execução	AH %	AV %
Despesa Total					
Ajustes					
<b>Total</b>		-	-		<b>100,00%</b>
<b>Resultado do exercício</b>		<b>Equilíbrio</b>	-		

EVENTO	VALOR (R\$)
Receita Total Arrecadada ( <i>própria e transferida, de modo extraorçamentário, pela Prefeitura</i> )	
(-) Cancelamento de Restos a Pagar	
(-) Receitas que, de fato, não ingressaram no Caixa, mesmo que líquida e certa a entrada no ano seguinte.	
(-) Despesa Total Empenhada	
(-) Despesa de pessoal incorrida no ano examinado, mas somente empenhada no exercício seguinte ( <i>ex.: folha de pagamento de dezembro, encargos patronais, 13º salário</i> )	
(=) Resultado da Execução Orçamentária ( <i>superávit ou déficit</i> )	

## 6. 2 O resultado do exercício das Entidades regidas pelo Direito Privado (certas fundações e consórcios administrativos, empresas públicas e sociedades de economia mista)

Findo o exercício financeiro de tais entidades, o resultado positivo (*“lucro”*) ou negativo (*“prejuízo”*) será confrontado com o patrimônio líquido do início do exercício.

Nesse rumo, um ligeiro resultado negativo pode indicar recusa da conta, desde que conte a entidade com substancial patrimônio líquido **negativo**, nisso considerando que tal desajuste representa óbvio risco fiscal para o ente central do Município.

Não é demais dizer que o negativo patrimônio líquido acontece quando a dívida da pessoa jurídica supera seus bens e direitos, devendo a Prefeitura noticiar tal fato no anexo de riscos fiscais da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO).

Elevado patrimônio líquido negativo mostra o estado de insolvência de fundações e empresas estatais.

Em regra, a avaliação desta Corte dá-se conforme a seguinte fórmula:

Fórmula: ***Influência do Resultado do Exercício sobre o Patrimônio Líquido:***

### Demonstração de Mutações do Patrimônio Líquido

Saldo em 31.12 de	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Resultado do exercício	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Aumento de capital em	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
Saldo em 31.12 de	<input type="text"/>	<input type="text" value="-"/>	<input type="text"/>

Quando valores forem negativos, digitar sinal de menos (-).

Esta Casa fiscaliza, todo ano, várias empresas municipais; muitas delas voltadas ao desenvolvimento urbano e à habitação.

Entre elas, considerável parcela foi criada nos anos 1970, por incentivo do Banco Nacional de Habitação - BNH, agência oficial de fomento que, após sua extinção, acarretou impacto bastante negativo àquelas empresas de infraestrutura urbana.

Tem-se visto a situação insolvente de boa parte dessas estatais municipais, com elevado patrimônio líquido negativo, contexto a justificar sua dissolução legal e, via de consequência, absorção de direitos e obrigações por parte do ente controlador: a Prefeitura.

Do contrário, a empresa acumulará encargos sobre o seu endividamento (juros e correção monetária), o que aumenta a dívida municipal e obriga esta Corte a, todo ano, recusar o correspondente balanço.

De se ressaltar que a avaliação patrimonial das empresas estatais se mira nos seguintes índices de liquidez e endividamento:

		<b>Análises de Liquidez e Endividamento</b>		
		Exercícios:	Exame	Anterior
		<b>Quocientes de liquidez</b>		
<b>Liquidez imediata:</b>	Disponibilidades			
	Passivo Circulante			
Para cada <b>R\$ 1,00</b> de dívidas há recursos da ordem de:				
<b>Liquidez corrente:</b>	Ativo Circulante			
	Passivo Circulante			
Para cada <b>R\$ 1,00</b> de dívidas há recursos da ordem de:				
<b>Liquidez seco:</b>	Ativo Circulante - Estoques			
	Passivo Circulante			
Para cada <b>R\$ 1,00</b> de dívidas há recursos da ordem de:				
<b>Liquidez geral:</b>	Ativo: Circulante + Real. L. Prazo			
	Pas.: Circulante + Exig. L. Prazo			
Para cada <b>R\$ 1,00</b> de dívidas há recursos da ordem de:				
		<b>Quociente de Endividamento</b>		
<b>Participação de capitais de terceiros sobre recursos totais:</b>	Exigível Total (*)			
	Exigível Total + Pat. Líquido			
Para cada <b>R\$ 1,00</b> de capital próprio, há capital de terceiros de:				
<i>Índices anteriores: paralelos. (*) Exigível total é igual a Passivo Circulante + Passível Exigível a Longo Prazo.</i>				

## 7. Os Precatórios Judiciais das Autarquias e Fundações

Os Estados e municípios tem prazo até o fim de 2.020 para pagar todos os precatórios em estoque. Depois disso, as dívidas reconhecidas a partir de 2.021 precisam ser pagas no ano seguinte.

O Supremo Tribunal Federal proibiu as compensações. Permitiu até 2.020 o parcelamento das dívidas em até cinco vezes. Até 2.020 também ficam permitidos os acordos para recebimento de precatórios em valor de até 40% da dívida, se for de interesse do credor.

## 7.1 A contabilização dos Depósitos Judiciais

Falha relevante é a de não contabilizar precatórios antigos; vencidos e não pagos. Eis um dos chamados “*esqueletos fiscais*”, ou seja, a ocultação de passivo que distorce resultados patrimoniais e o basilar princípio da evidenciação contábil (*art. 83 da Lei nº. 4.320, de 1964*).

Recomenda-se que disponha a autarquia e a fundação de registro de precatórios contendo as seguintes informações: *data do ajuizamento; data de recebimento/apresentação; número do precatório; tipo da coisa julgada; nome do beneficiário; valor do precatório e data do trânsito em julgado*.

Considerando que a contabilização financeira (extraorçamentária) distorce o resultado de execução orçamentária e o fato de os depósitos para o Tribunal de Justiça, em hipótese alguma, retornarem ao Município<sup>15</sup>, por tais motivos, indica esta Corte a contabilização orçamentária dos depósitos judiciais, necessitando o devedor empenhar, liquidar e pagar em favor daquela Corte, onerando dotações vinculadas a Sentenças Judiciais.

## 8. O Repasse Previdenciário

Quer destinada ao órgão municipal que administra o regime próprio de previdência, quer dirigida ao Instituto Nacional de Previdência Social – INSS, a falta de repasse das quotas patronais e funcionais aumenta, consideravelmente, a dívida das entidades da Administração indireta; implica várias e muitas sanções aos Municípios e, ante o não recolhimento da parcela dos segurados, tipifica crime de apropriação indébita (*Lei nº. 9.983, de 2000*).

Boa parte da dívida de longo prazo do Município tem a ver com confissão de dívidas patronais, sobretudo as de caráter previdenciário.

Por tais motivos, eis mais um motivo para a ***recusa da conta de dirigentes de autarquias, fundações, consórcios, empresas públicas e sociedades de economia mista: a falta de recolhimento ao INSS ou à entidade local que administra o regime próprio de previdência.***

---

<sup>15</sup> Art. 97, § 5º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Parcelamentos posteriores dessa lacuna, em regra, não solvem o desacerto, conquanto, no ano de competência, a omissão restou patente, fazendo aumentar a dívida municipal, o que, no futuro, compromete o financiamento de programas governamentais.

Demais disso, a ausência de recolhimento faz com que o Município não obtenha o Certificado de Regularidade Previdenciária - CRP, ficando impedido de receber transferências voluntárias da União (convênios) e empréstimos de instituições federais; nem a compensação financeira entre os regimes de previdência (Lei nº 9.796, de maio de 1999).

Não é demais recordar que a dívida previdenciária deve estar claramente evidenciada no passivo patrimonial das entidades da Administração indireta; sem isso, comparece outra falha relevante: a distorção dos resultados contábeis e a não atenção a princípio hoje basilar: o da transparência fiscal.

## **9. Pagamento de Horas Extras a Cargos em Comissão**

Tem esta Corte recusado o pagamento de horas extras a ocupantes de cargos em comissão, nisso considerando a natureza funcional daqueles cargos: de confiança e sujeitos a jornadas flexíveis de trabalho e, ainda, o contexto de paradigma gerado Estatuto dos Servidores do Estado de São Paulo, para o qual *“o funcionário que exercer cargo de direção não poderá perceber gratificação por serviço extraordinário”* (art. 139, caput) e, por último, a vedação prescrita no art. 62, II da Consolidação das Leis do Trabalho.

Nesse cenário, afigura-se ato de gestão ilegítimo e antieconômico, ***o que conduz à rejeição da conta de entidades da Administração indireta***, nos termos do art. 33, III, “c”, da Lei Orgânica deste Tribunal de Contas.

## **10. Cautelas na Gestão Financeira de Autarquias, Fundações, Consórcios e Empresas Estatais do Município**

### **10.1 Contratação de Pessoal por tempo determinado**

Mediante abertura de processo específico, o Tribunal de Contas verifica a legalidade dos atos de admissão de pessoal, exceto os relacionados a cargos em comissão (art. 71, III da CF).

A contratação por tempo determinado é prática que, na Administração Pública, orienta-se pelo art. 37, IX da Constituição e, portanto, às seguintes condições:

- Previsão em lei local, de iniciativa do Chefe do Poder Executivo (*art. 61, §1º, II, "a" da CF*).
- Tempo determinado.
- Excepcionalidade do interesse público, ou seja, ocorrência de fato imprevisível que exija pronta resposta da Administração (*ex.: surto de epidemia ou vacância, por falecimento, de cargo ou emprego absolutamente essencial*).

Frente aos princípios da igualdade, impessoalidade e publicidade e do pressuposto de que deve o Estado servir-se dos mais aptos, o concurso é regra básica para ingresso no serviço público (*art. 37, II da CF*).

Sob tal fundamento constitucional, este Tribunal, em junho de 2004, baixou *Deliberação*, para a qual, salvo casos totalmente emergenciais, a admissão temporária deve acontecer mediante processo seletivo:

*Processo TC - A - 15.248/026/04*

*ASSUNTO: Admissão de Pessoal por prazo determinado*

*CONCLUSÃO: "A admissão de pessoal por prazo determinado para atendimento de situação de excepcional interesse público, **deve, sempre, ser precedida de processo seletivo**, salvo os casos de comprovada emergência que impeçam sua realização.*

*As leis municipais deverão ser ajustadas à regra do inciso II, do art. 37, da CF"*

*SESSÃO: 16-06-04 PUBLICAÇÃO: 01/07-04*

De fato, mesmo sob a necessidade de soluções rápidas, pode o dirigente realizar, em pouco tempo e sob critérios objetivos, procedimento de escolha simplificado, o que dá eficácia aos princípios da igualdade e impessoalidade.

Regra geral, tempo há para a dinâmica impessoal de escolha. Em situações absolutamente emergenciais, deve a entidade demonstrar, de forma cabal, o fato inusitado (*ex.: enchentes, desmoronamentos, epidemias*). Assim, para atender a um surto local de febre amarela, o médico pode ser admitido sem o processo seletivo. Diferente, outro médico, para dar plantão no pronto-socorro, deve se submeter à dinâmica objetiva de escolha.

Mesmo realizado o processo seletivo, esta Corte vem negando registro a sucessivos contratos para a mesma função; assim é porque a repetição descaracteriza a indispensável temporariedade da contratação (TC 1843/010/06).

Contratados por tempo determinado, os servidores vinculam-se ao regime geral de previdência (INSS); nunca ao regime próprio de aposentadorias e pensões (art. 40, § 13 da CF).

Interessante enfatizar que, em toda e qualquer admissão de pessoal, permanente ou temporária, precisa a entidade descentralizada consultar a Prefeitura, no intento de saber se a despesa laboral do Município não ultrapassou o chamado limite fiscal de prudência (*art. 22, parágrafo único da Lei de Responsabilidade Fiscal*).

De fato, tal disciplina impõe uma barreira cautelar, prudencial, contra o gasto de pessoal; equivale a 95% do subteto de cada Poder estatal; no Município, o Executivo: 51,30% ( $54\% \times 0,95 = 51,30\%$ ); o Legislativo: 5,7% ( $6\% \times 0,95 = 5,7\%$ ).

Superada aquela taxa prudencial, fica o Poder impedido de aumentar sua despesa de pessoal, a menos que compareçam as seguintes exceções: *a revisão geral anual do art. 37, X da CF; a reposição de servidores decorrente de aposentadoria ou falecimento nas áreas de educação, saúde e segurança; contratação de horas extras sob as hipóteses previstas na Lei de Diretrizes Orçamentárias - LDO*.

Em suma, atingida a barreira prudencial, quis o legislador que o gasto laboral pare de crescer, seja contido pelo gestor governamental.

## 10.2 As Despesas Impróprias

As despesas impróprias ressentem-se de interesse público; a imensa parte dos contribuintes, se pudessem, vetaria o uso de dinheiro público na aquisição de certos bens e serviços.

Esses gastos ofendem os princípios da legitimidade, moralidade e economicidade (*art. 37 e 70, I da CF*) e, por isso, ensejam juízo de irregularidade nas contas submetidas a julgamento desta Corte<sup>16</sup>; é assim porque tipificam ato de gestão ilegítimo e antieconômico (*art. 33, III, "c" da Lei Orgânica do TCESP*). De mais a mais, deve o Responsável devolver, ao erário local, o correspondente valor, devidamente corrigido.

Já, no balanço sujeito a Parecer Prévio: o do Prefeito, as despesas impróprias resultam processos apartados. Assim se dá porque as contas dos Chefes do Executivo têm prazo certo de apreciação<sup>17</sup>.

Feitas essas considerações preliminares, passa-se a mostrar despesas que este Tribunal, a rigor, tem avaliado impróprias nas entidades da Administração descentralizada:

---

16 *Balanços do Legislativo, Judiciário e Ministério Público, bem assim das autarquias, fundações, empresas públicas e sociedades de economia mista.*

17 *Governador: 60 dias após o recebimento da conta; Prefeitos: até o final do ano seguinte ao do recebimento da conta.*

- *Falta de modicidade nos gastos em viagem oficial (custo elevado com refeições e hospedagem; número despropositado de participantes).*
- *Promoção pessoal de autoridades e servidores públicos, em afronta ao art. 37, § 1º da Constituição.*
- *Pagamento de multas pessoais de trânsito, ou seja, as que não se referem à má conservação do veículo oficial.*
- *Pagamento de anuidade de servidores em conselhos profissionais como OAB, CREA, CRC, entre outros.*
- *Gastos excessivos com telefonia celular.*
- *Custeio de atividades privativas do Estado ou da União, sem autorização na Lei de Diretrizes Orçamentárias e sem convênio (art. 62 da Lei de Responsabilidade Fiscal).*
- *Distribuição de agendas, chaveiros, buquês de flores, cartões e cestas de Natal, entre outros brindes.*
- *Festas de confraternização dos funcionários públicos.*
- *Assinatura de TV a cabo e revistas que não veiculam temas ligados à Administração Pública.*

### **10.3 A Transparência Fiscal**

A Lei de Responsabilidade Fiscal escora-se em duas pilas: *o planejamento orçamentário e a transparência no uso do dinheiro público.*

Na Administração indireta, somente as empresas estatais autônomas estão livres dos comandos fiscais, visto que não dependem do Tesouro Central para desenvolver suas atividades e projetos.

Sendo assim, os números orçamentários e patrimoniais de autarquias, fundações, consórcios (proporcional), empresas públicas e sociedades de economia mista, todos eles se somam às cifras fazendárias da Administração direta, vindo isso a compor os balanços e demonstrativos **consolidados** do Município.

Depois, a publicidade fiscal ganha forte estímulo com a edição, em maio de 2009, da primeira modificação na LRF: a Lei Complementar nº 131, conhecida como Lei da Transparência Fiscal.

#### **10.3.1 A primeira modificação na LRF - a edição, em maio de 2009, da Lei da Transparência Fiscal**

Editada em 27 de maio de 2009, a Lei Complementar nº 131, de 2009, vem a ser a primeira modificação no código de responsabilidade fiscal, promulgado que foi 9 (nove) anos antes, em 4 de maio de 2000. É a chamada Lei da Transparência Fiscal.

Em tal processo, fez o legislador inserções nos artigos 48 e 73 da Lei de Responsabilidade Fiscal, objetivando facilitar a lide dos controles institucionais, quer o social, o interno ou o externo.

De início, há de se dizer que o acrescentado art. 73-A melhor reitera a norma constitucional (art. 74, § 2º), estabelecendo que, em face dos Tribunais de Contas e do Ministério Público, qualquer cidadão ou instituição é parte legítima para denunciar desvio fiscal, quer na Administração direta, quer na indireta.

Em seguida, os novos incisos do art. 48 querem que a sociedade, por meio eletrônico (*internet*), possa conhecer, em tempo real, o nível e a espécie da receita arrecadada, além da utilidade que está sendo adquirida (*bem ou serviço*), desagregada esta informação por entidade pública adquirente, cifra monetária, nome do fornecedor, número do processo administrativo e, se for o caso, tipo de licitação realizada (*Convite, Pregão, Tomada de Preços, Concorrência*).

No escopo de regulamentar a Lei da Transparência Fiscal, o Presidente da República, em 27 de maio de 2010, baixa o Decreto federal nº 7.185, com as seguintes particularidades:

- Aludido no art. 48, § único da LRF, o sistema integrado de administração financeira e controle passa a contar com denominação simples e objetiva: Sistema.
- Abrangendo todo o nível de governo, integram o Sistema todos os órgãos da Administração direta, ***bem como as autarquias, fundações e empresas estatais dependentes***.
- Diferente do SIAFI e SIAFEM, o Sistema dispensa senhas e o prévio cadastramento dos usuários, ou seja, é de amplo acesso público.
- O Sistema é recurso de informática para o cidadão acompanhar receitas e despesas, apresentadas até o 1º dia útil que sucede o do registro contábil; eis o *tempo real* mencionado na Lei Complementar nº 131, de 2009.
- Tais informações comparecerão até a abertura referenciada no art. 7º do Decreto, qual seja:

**1. Detalhamento da despesa:**

- a) Valor do empenho, liquidação e pagamento.
- b) Número do processo (quando for o caso).
- c) Pessoa física ou jurídica beneficiada com o pagamento.
- d) O bem fornecido ou o serviço prestado.

**2. Detalhamento da receita:**

- a) Previsão.
- b) Lançamento, quando for o caso.
- c) Arrecadação.

A Lei se aplicou de imediato aos municípios brasileiros: os que têm mais de 50 mil habitantes e posteriormente às comunas pequenas, com menos de 50 mil estando todas hoje obrigadas ao seu atendimento.

#### **10.4 A nova contabilidade para o Setor Público**

Antes de tudo, há de se reiterar que autarquias, certas fundações e consórcios públicos submetem-se à contabilidade pública (Lei nº. 4.320/1964); outras fundações, os consórcios administrativos e as empresas estatais sujeitam-se à contabilidade comercial (Lei nº. 6.404/1976), não obstante estes últimos, do direito privado, produzirem, em apartado, demonstrativos segundo à escrita pública, para que possam compor o balanço consolidado do Município.

Depois, há de se lembrar de que reclama a Carta de 1988 diploma complementar para substituir a Lei nº 4.320, de 1964; é o art. 165, § 9º.

Nessa dinâmica, resta evidente que não mais recairá no sistema orçamentário a principal análise dos balanços da Administração Pública, mas, sim, no sistema patrimonial, assim como é nas empresas privadas.

Para os que defendem esse modelo, uma entidade pública pode obter positivo resultado de exercício, mas, de outro turno, estar perdendo patrimônio, quer pelo abandono de suas instalações físicas, quer à vista do aumento da futura dívida com o regime próprio de previdência, lacunas essas que, nos períodos subsequentes, comprometerão a adequada execução dos serviços públicos.

Ato contínuo, a Portaria nº 700, de 10 de dezembro de 2014 detalha e explica os conteúdos das demonstrações contábeis aplicadas ao setor público; são elas:

- *Balanço Orçamentário;*
- *Balanço Financeiro;*
- *Balanço Patrimonial;*
- *Demonstração das Variações Patrimoniais;*
- *Demonstração dos Fluxos de Caixa;*
- *Demonstração das Mutações no Patrimônio Líquido;*

Na nova sistemática contábil, é absolutamente vital a Administração atualizar o valor dos bens móveis e imóveis, procedimento este que, a teor da Lei 4.320, é apenas opcional, facultativo (art. 106, § 3º).

Assim, os ativos não financeiros<sup>18</sup> não mais comparecerão, nas peças contábeis, com os atuais valores irrisórios, pífios; serão contabilizados em montante próximo à realidade de mercado, o que facilita a apuração de custos dos serviços públicos.

---

<sup>18</sup> *Bens móveis; imóveis; direitos creditórios como, por exemplo, a Dívida Ativa; ações, entre outros.*

Quer-se também que o Passivo revele a efetiva situação devedora da entidade governamental, sobretudo quanto aos débitos de longo prazo dos regimes próprio de previdência: o chamado passivo atuarial.

Não bastasse isso, os bens de uso comum do povo passam a integrar o ativo governamental; eis o caso de estradas vicinais, pontes, viadutos, túneis e praças.

Bem por isso, o resultado da Demonstração das Variações Patrimoniais passará a contar com especial significado na análise dos Tribunais de Contas.

De mais a mais, os bens e direitos sofrerão depreciação segundo método previamente definido.

Levando-se em conta tanto a Lei 4.320 quanto a Lei de Responsabilidade Fiscal, uma e outra requerem a apuração de custos dos serviços públicos, importante que se saiba o valor da depreciação anual do prédio hospitalar, para a exata aferição do custo de atendimento médico.

Também, a Dívida Ativa, que, tradicionalmente padece de enorme incerteza de recebimento, sofrerá ela redução de valor; isso, por força de conta subtrativa o *“Ajuste de perdas de Dívida Ativa”*.

No Balanço Patrimonial das entidades regidas pelo direito público, as denominações *financeiro e permanente* foram trocadas para *circulante e não circulante*, já utilizadas anteriormente por certas fundações, empresas públicas e sociedades de economia mista.

Do confronto entre ativo e passivo, ter-se-á indicador fundamental para o novo modelo de contabilidade pública: **o Patrimônio Líquido**.

Essas normas aplicadas às entidades regidas pelo direito público, de igual forma, sugerem que receitas e despesas submetam-se, ambas, ao regime de competência, tal qual é na Lei nº 6.404, de 1976.

Contudo, aquele sistema único não pode nunca alcançar a contabilidade orçamentária, porquanto a lei determina regime de caixa para a receita de autarquias e certas fundações e, não, o de competência (art. 35, I, da Lei 4.320).

E, se há de convir que, mesmo agora, a expectativa de recebimento da Dívida Ativa já é contabilizada, sob regime de competência, no Ativo Permanente do Balanço Patrimonial.

De seu turno, o novo Balanço Financeiro continua, óbvio, sendo uma grande conta caixa, mas, sob o novo modelo, sofreu considerável modificação. Com efeito, apresenta recebimentos e pagamentos sob as fontes ordinária e vinculada (*não mais por natureza e função*), revelando, também, as antes não evidenciadas transferências intragovernamentais (*ex.: Prefeitura comprando de empresa pública*) e, ainda, as operações extraorçamentárias. (*ex.: Prefeitura ajudando, financeiramente, autarquia local*).

A Demonstração das Variações Patrimoniais também contou com significativa alteração. Desta feita, melhor decompõe a receita e a despesa orçamentária; bem transparece o fato criado pela Portaria Interministerial nº 163/2001 (*as transferências financeiras entre entidades do mesmo nível de governo*); cria as figuras das variações patrimoniais quantitativas e qualitativas.

## 10.5 Licitações e Contratos

De modo geral, tem verificado esta Corte os seguintes desacertos na formalização de licitações e contratos administrativos:

- Editais com cláusulas restritivas que afastam concorrentes, entre as quais o excesso de exigências documentais; o excesso de detalhes na descrição do objeto; as comprovações de propriedade; a fixação de distância para usina de asfalto; a exigência de certificações de qualidade. No caso, as *Súmulas nº. 14 a 30 desta Corte* bem exemplificam várias situações de restritividade (*vide item 1.8*);
- Objeto da licitação mal definido;
- Expedição de Convites sempre para os mesmos proponentes;
- Convites preenchidos por empresas inexistentes;
- Elevado nível de dispensas e inexigibilidades, a indicar desvio do constitucional princípio da licitação;
- Subavaliação da proposta de preços, para, em momento seguinte, lograr-se aditamentos contratuais;
- Contratação direta por emergência não caracterizada;
- Deficiente pesquisa de preços;
- Fracionamento licitatório;
- E, no tocante à criação, expansão e aprimoramento da ação governamental, a falta das cautelas comentadas no próximo item desta Cartilha (art. 16 da LRF).

Há de se atentar, também que, deverão ser informados, via Sistema AUDESP, os dados relativos a todos os contratos e atos jurídicos análogos que celebrarem, inclusive os relativos a concessão e/ou permissão de serviços públicos, parcerias público-privadas.

A prestação de informações deverá ser realizada de acordo com instruções contidas no manual referente ao Sistema AUDESP-Fase IV, em face de Comunicado específico publicado em Diário Oficial do Estado, disponível na página eletrônica do Tribunal de Contas, a qual incluirá dados sobre licitações realizadas, liquidação da despesa e execução contratual, entre outros.

Sistema informatizado aplicará regras sobre os dados informados pelos órgãos e entidades com base em critérios objetivos previamente definidos, efetuando a seleção dos contratos ou atos jurídicos análogos a serem encaminhados a este Tribunal, os quais serão analisados e terão sua execução acompanhada.

## **10.6 Sanções aos Licitantes**

No Sistema Apenados os órgãos deverão comunicar as sanções decorrentes de licitações e contratos que tenham sido aplicadas a pessoas físicas e jurídicas, bem como eventuais reabilitações.

## **10.7 Cautelas fiscais nos Contratos relativos à criação, expansão ou aprimoramento da Ação Governamental - o art. 16 da Lei de Responsabilidade Fiscal**

O dirigente de certa autarquia ou empresa dependente quer construir uma estação de tratamento de água em determinado bairro do município; para tanto, não precisa de lei específica, bastando uma autorização orçamentária. Contudo, a partir da LRF, deve aquele gestor atentar para o determinado no art. 16:

- Estimar o impacto da nova despesa sobre o orçamento e a disponibilidade de caixa; isso, para 3 exercícios financeiros;
- Declarar, na abertura da licitação, que a nova despesa se compatibiliza com os 3 planos orçamentários: o Plano Plurianual, a Lei de Diretrizes Orçamentárias e a Lei Orçamentária Anual.

Nesse contexto, deve a entidade mostrar que os projetos de expansão governamental estejam previstos nos três instrumentos orçamentários, sendo isso eficiente antídoto contra o planejamento fictício, sem compromisso com a realidade, feito apenas para atender à lei.

Com efeito, a falta dos sobreditos procedimentos do art. 16 faz com que a despesa seja tida não autorizada, irregular e lesiva ao patrimônio público (art. 15 da LRF), havendo, em face disso, tipificação penal (*art. 359-D da Lei de Crimes Fiscais: "Ordenação de despesa não autorizada por lei - reclusão de 1 a 4 anos"*).

De toda forma, não é qualquer aumento de gasto público que precisa submeter-se ao art. 16 da LRF. Livres dessas cautelas estão as despesas corriqueiras, habituais, relacionadas, apenas e tão somente, à operação e manutenção dos serviços preexistentes e que nada tenham a ver com criação, expansão ou aperfeiçoamento da ação governamental.

## 10.8 As Dispensas Licitatórias por valor (art. 24, I e II da Lei nº. 8.666, de 1993)

Em tais casos, recomenda-se que a correlata documentação esteja assim formalizada:

- Autorização do ordenador da despesa;
- Comprovantes da prévia cotação de preços (*cópia de mensagem eletrônica – e-mail; entre outras formas*);
- Original da Nota de Empenho ou instrumento congênera, assinada pelo ordenador da despesa;
- Documentação comprobatória do gasto (*originais das notas fiscais* <sup>19</sup>*ou recibos de serviços*);
- Atestação do recebimento de bens, serviços e obras, tal qual segue:
  - a) *O responsável pela liquidação deve estar claramente identificado, mediante aposição de carimbo que revele nome e número de documento oficial* (RG ou registro funcional);
  - b) *Os recibos de serviços devem bem identificar o prestador, mediante os seguintes elementos: nome, endereço, RG, CPF, nº. de inscrição no INSS, nº. de inscrição no ISS;*
  - c) *As obras e serviços de engenharia serão apenas recebidos por servidor ou comissão designada pela autoridade competente, mediante termo circunstanciado* (art. 73, I, “b” da Lei nº. 8.666, de 1993).
  - d) *Ordem de pagamento chancelada pelo ordenador da despesa* (art. 64 da Lei nº. 4.320, de 1964).

Tendo em vista a importância do recebimento de obras e serviços de engenharia, não é demais lembrar que assim determina a Lei de Licitações e Contratos (L. 8.666):

*Art. 73. Executado o contrato, o seu objeto será recebido:*

*I - em se tratando de obras e serviços:*

---

19 Segundo o PROTOCOLO ICMS 10, DE 18 DE ABRIL DE 2007, inúmeras atividades devem necessariamente emitir a Nota Fiscal Eletrônica NF-e:

Cláusula primeira Acordam os Estados e o Distrito Federal em estabelecer a obrigatoriedade de utilização da Nota Fiscal Eletrônica (NF-e) prevista no Ajuste SINIEF 07/05, de 30 de setembro de 2005, em substituição a Nota Fiscal, modelo 1 ou 1-A, para os contribuintes:

.....  
§ 1º A obrigatoriedade se aplica a todas as operações efetuadas em todos os estabelecimentos dos contribuintes referidos nesta cláusula, que estejam localizados nos Estados signatários deste protocolo, ficando vedada a emissão de Nota Fiscal, modelo 1 ou 1-A, salvo nas hipóteses previstas neste protocolo.

- a) provisoriamente, pelo responsável por seu acompanhamento e fiscalização, mediante termo circunstanciado, assinado pelas partes em até 15 (quinze) dias da comunicação escrita do contratado;*
- b) definitivamente, por servidor ou comissão designada pela autoridade competente, mediante termo circunstanciado, assinado pelas partes, após o decurso do prazo de observação, ou vistoria que comprove a adequação do objeto aos termos contratuais, observado o disposto no art. 69 desta Lei;*

O termo de recebimento definitivo é muito importante, visto que servidor ou comissão atesta, para todos os efeitos, que a obra corresponde, de fato, ao que foi pactuado no contrato.

Nessa marcha e à vista de contratos de obras e serviços de engenharia, devem as entidades descentralizadas assim verificar no termo de recebimento definitivo:

- a) Os recebedores são habilitados para tal mister, ou seja, são engenheiros credenciados pelo CREA?*
- b) O termo de recebimento é minucioso, bem detalhado, pormenorizado, ou seja, mostra-se circunstanciado?*
- c) O termo de recebimento foi assinado pelos representantes da empreiteira e do órgão público contratante?*
- d) O termo de recebimento faz explícita menção ao art. 618 do Código Civil?*

*“Art. 618. Nos contratos de empreitada de edifícios ou outras construções consideráveis, o empreiteiro de materiais e execução responderá, durante o prazo irredutível de cinco anos, pela solidez e segurança do trabalho, assim em razão dos materiais, como do solo.*

*Parágrafo único. Decairá do direito assegurado neste artigo o dono da obra que não propuser a ação contra o empreiteiro, nos cento e oitenta dias seguintes ao aparecimento do vício ou defeito.”*

## **11. Tesouraria**

Quanto a esse setor, nossas recomendações têm alcançado as seguintes falhas de gestão:

- Disponibilidade de caixa depositada em bancos privados (*art. 164, § 3º da CF*);
- Pagamentos sem o prévio empenho;

- Não cumprimento à cronologia dos pagamentos;
- Falta de segregação de funções, sobretudo com a Contabilidade.

A propósito, a União, mediante o Decreto Federal nº 7.507, de 2011, quer que as transferências federais voluntárias a Estados e Municípios sejam utilizadas de forma exclusivamente eletrônica (“Internetbanking”), em conta aberta em banco federal, de titularidade dos fornecedores e prestadores de serviços. Nisso, os saques, em dinheiro, constituem exceção limitada a R\$ 8 mil para todo o ano; R\$ 800,00 por saque.

De mais a mais, há de haver divulgação dos extratos das contas correntes dos Estados e Municípios, com a identificação do domicílio bancário dos respectivos fornecedores ou prestadores de serviços, beneficiários de pagamentos.

## 12. Almoxarifado

Quanto a esse setor, nossas recomendações alcançam as seguintes falhas:

- Falta de inventários periódicos;
- Falta de segurança na estocagem;
- Falta de definição de níveis de estoque;
- Falta de emissão de requisições de saída;
- Falta de conferência no recebimento de materiais;
- Falta de conferência de validade dos produtos estocados;
- Sistema de controle deficiente;
- Instalações inadequadas.

## 13. Bens de Caráter Permanente

Quanto a esse setor, nossas recomendações alcançam as seguintes falhas:

- Falta de inventário físico periódico;
- Inexistência de termos de transferência;
- Falta de averbação no Registro de Imóveis de novas construções e/ou ampliações;
- Ausência do termo de responsabilidade pelos bens patrimoniais;
- Falta de plaquetas de identificação;
- Falta da ata de transmissão e recebimento do patrimônio na troca de mandato;
- Falta de cobertura de seguro;
- Ausência de registro de localização física do bem.

## 14. O Controle Interno das Entidades da Administração Indireta

Quanto a esse setor, nossas recomendações alcançam as seguintes falhas:

- Falta de inventário físico periódico;
- Inexistência de termos de transferência;
- Falta de averbação no Registro de Imóveis de novas construções e/ou ampliações;
- Ausência do termo de responsabilidade pelos bens patrimoniais;
- Falta de plaquetas de identificação;
- Falta da ata de transmissão e recebimento do patrimônio na troca de mandato;
- Falta de cobertura de seguro;
- Ausência de registro de localização física do bem.

## 15. Governança Corporativa

Governança corporativa é o sistema pelo qual as empresas e demais organizações são dirigidas, monitoradas e incentivadas, envolvendo os relacionamentos entre sócios, conselho de administração, diretoria, órgãos de fiscalização e controle e demais partes interessadas.

As boas práticas de governança corporativa convertem princípios básicos em recomendações objetivas, alinhando interesses com a finalidade de preservar e otimizar o valor econômico de longo prazo da organização, facilitando seu acesso a recursos e contribuindo para a qualidade da gestão da organização, sua longevidade e o bem comum.

### Princípios Básicos

**Transparência** - Consiste no desejo de disponibilizar para as partes interessadas as informações que sejam de seu interesse e não apenas aquelas impostas por disposições de leis ou regulamentos. Não deve restringir-se ao desempenho econômico-financeiro, contemplando também os demais fatores (inclusive intangíveis) que norteiam a ação gerencial e que condizem à preservação e à otimização do valor da organização.

**Equidade** - Caracteriza-se pelo tratamento justo e isonômico de todos os sócios e demais partes interessadas, levando em consideração seus direitos, deveres, necessidades, interesses e expectativas.

**Prestação de Contas** - Os agentes de governança devem prestar contas de sua atuação de modo claro, conciso, compreensível e tempestivo, assumindo integralmente as consequências de seus atos e omissões e atuando com diligência e responsabilidade no âmbito dos seus papéis.

**Responsabilidade Corporativa** - Os agentes de governança devem zelar pela viabilidade econômico-financeira das organizações, reduzir as externalidades negativas de seus negócios e suas operações e aumentar as positivas, levando em consideração, no seu modelo de negócios, os diversos capitais (financeiro, manufaturado, intelectual, humano, social, ambiental, reputacional etc.) no curto, médio e longo prazos.

Comply, em inglês, significa “agir em sintonia com as regras”. **Compliance**, significa estar absolutamente em linha com normas, controles internos e externos, além de todas as políticas e diretrizes estabelecidas para o seu negócio. É a atividade de assegurar que a empresa está cumprindo à risca todas as imposições dos órgãos de regulamentação, dentro de todos os padrões exigidos de seu segmento. E isso vale para as esferas trabalhista, fiscal, contábil, financeira, ambiental, jurídica, previdenciária, ética etc.

Entre os procedimentos que devem ser adotados, implantados e verificados por todas as empresas estão: o cumprimento das leis locais e implantar procedimentos e controles que atendam aos órgãos reguladores.

Para implementar procedimentos de conformidade é necessário ter conhecimento dos processos internos, das metodologias de trabalho utilizadas, políticas de estoques, estratégias de gestão de pessoas, técnica de melhoria contínua, harmonização contábil etc. Assim, nos dias de hoje o conceito foi enriquecido com a abordagem sistêmica, do “chão” da fábrica à sala do presidente da empresa. É em algo bem mais extenso do que simplesmente “interpretar leis”. Ademais o exemplo deve vir de cima, os colaboradores devem perceber que a empresa é ética, se os valores da empresa são contra a corrupção.

Inúmeros órgãos reguladores determinam um arcabouço imenso de normas para a gestão dos negócios, entre elas Banco Central, Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Superintendência de Seguros Privados (Susep), as diversas agências reguladoras (Aneel, Anatel, ANS, ANVISA), entre outros.

A gestão de compliance é uma ferramenta de Governança Corporativa, no que se refere aos sistemas, processos, regras e procedimentos adotados para gerenciar os negócios das organizações, proporcionando o aprimoramento da relação com os investidores e todas as partes interessadas. Os profissionais de compliance, controladoria, controles internos, riscos e auditoria possam efetivamente ser o fiel da balança.

Os objetivos, papéis e responsabilidades da função de compliance são:

- Analisar meticulosamente os riscos operacionais;
- Gerenciar os controles internos;
- Desenvolver projetos de melhoria contínua e adequação às normas técnicas;
- Analisar e prevenir de fraudes;
- Monitoramento, junto aos responsáveis pela TI, no que se refere às medidas adotadas na área de segurança da informação;
- Realização de auditorias periódicas;
- Gerenciar e rever as políticas de gestão de pessoas, juntamente com os responsáveis pela área de Gestão de Capital Humano.
- Trabalhar na elaboração de manuais de conduta e desenvolver planos de disseminação do compliance na cultura organizacional;
- Fiscalização da conformidade contábil.

### **Lei das Estatais**

Em 30 junho de 2016 foi editada a Lei Federal 13.303 que dispõe sobre o estatuto jurídico da empresa pública, da sociedade de economia mista e de suas subsidiárias, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios que explore atividade econômica de produção ou comercialização de bens e prestação de serviços mesmo em regime de monopólio.

Segundo a Lei deverão ser adotadas **práticas de governança** considerando:

- I - documentos e informações estratégicos do negócio e demais relatórios e informações produzidos por força de acordo de acionistas e de Lei considerados essenciais para a defesa de seus interesses na sociedade empresarial investida;
- II - relatório de execução do orçamento e de realização de investimentos programados pela sociedade, inclusive quanto ao alinhamento dos custos orçados e dos realizados com os custos de mercado;
- III - informe sobre execução da política de transações com partes relacionadas;
- IV - análise das condições de alavancagem financeira da sociedade;
- V - avaliação de inversões financeiras e de processos relevantes de alienação de bens móveis e imóveis da sociedade;
- VI - relatório de risco das contratações para execução de obras, fornecimento de bens e prestação de serviços relevantes para os interesses da investidora;
- VII - informe sobre execução de projetos relevantes para os interesses da investidora;
- VIII - relatório de cumprimento, nos negócios da sociedade, de condicionantes socioambientais estabelecidas pelos órgãos ambientais;
- IX - avaliação das necessidades de novos aportes na sociedade e dos possíveis riscos de redução da rentabilidade esperada do negócio;

X - qualquer outro relatório, documento ou informação produzido pela sociedade empresarial investida considerado relevante para o cumprimento do comando constante do caput.

Deverão observar no mínimo os seguintes requisitos de **transparência**:

- I - elaboração de carta anual, subscrita pelos membros do Conselho de Administração, com a explicitação dos compromissos de consecução de objetivos de políticas públicas pela empresa pública, pela sociedade de economia mista e por suas subsidiárias, em atendimento ao interesse coletivo ou ao imperativo de segurança nacional que justificou a autorização para suas respectivas criações, com definição clara dos recursos a serem empregados para esse fim, bem como dos impactos econômico-financeiros da consecução desses objetivos, mensuráveis por meio de indicadores objetivos;
- II - adequação de seu estatuto social à autorização legislativa de sua criação;
- III - divulgação tempestiva e atualizada de informações relevantes, em especial as relativas a atividades desenvolvidas, estrutura de controle, fatores de risco, dados econômico-financeiros, comentários dos administradores sobre o desempenho, políticas e práticas de governança corporativa e descrição da composição e da remuneração da administração;
- IV - elaboração e divulgação de política de divulgação de informações, em conformidade com a legislação em vigor e com as melhores práticas;
- V - elaboração de política de distribuição de dividendos, à luz do interesse público que justificou a criação da empresa pública ou da sociedade de economia mista;
- VI - divulgação, em nota explicativa às demonstrações financeiras, dos dados operacionais e financeiros das atividades relacionadas à consecução dos fins de interesse coletivo ou de segurança nacional;
- VII - elaboração e divulgação da política de transações com partes relacionadas, em conformidade com os requisitos de competitividade, conformidade, transparência, equidade e comutatividade, que deverá ser revista, no mínimo, anualmente e aprovada pelo Conselho de Administração;
- VIII - ampla divulgação, ao público em geral, de carta anual de governança corporativa, que consolide em um único documento escrito, em linguagem clara e direta, as informações de que trata o inciso III;
- IX - divulgação anual de relatório integrado ou de sustentabilidade.

Deverão ser adotadas regras de estruturas e práticas de gestão de riscos e controle interno que abranjam:

- I - ação dos administradores e empregados, por meio da implementação cotidiana de práticas de controle interno;

II - área responsável pela verificação de cumprimento de obrigações e de gestão de riscos;

III - auditoria interna e Comitê de Auditoria Estatutário.

Deverá ser elaborado e divulgado Código de Conduta e Integridade, que disponha sobre:

I - princípios, valores e missão da empresa pública e da sociedade de economia mista, bem como orientações sobre a prevenção de conflito de interesses e vedação de atos de corrupção e fraude;

II - instâncias internas responsáveis pela atualização e aplicação do Código de Conduta e Integridade;

III - canal de denúncias que possibilite o recebimento de denúncias internas e externas relativas ao descumprimento do Código de Conduta e Integridade e das demais normas internas de ética e obrigacionais;

IV - mecanismos de proteção que impeçam qualquer espécie de retaliação a pessoa que utilize o canal de denúncias;

V - sanções aplicáveis em caso de violação às regras do Código de Conduta e Integridade;

VI - previsão de treinamento periódico, no mínimo anual, sobre Código de Conduta e Integridade, a empregados e administradores, e sobre a política de gestão de riscos, a administradores.

A área responsável pela verificação de cumprimento de obrigações e de gestão de riscos deverá ser vinculada ao diretor-presidente e liderada por diretor estatutário, devendo o estatuto social prever as atribuições da área, bem como estabelecer mecanismos que assegurem atuação independente.

A auditoria interna deverá:

I - ser vinculada ao Conselho de Administração, diretamente ou por meio do Comitê de Auditoria Estatutário;

II - ser responsável por aferir a adequação do controle interno, a efetividade do gerenciamento dos riscos e dos processos de governança e a confiabilidade do processo de coleta, mensuração, classificação, acumulação, registro e divulgação de eventos e transações, visando ao preparo de demonstrações financeiras.

§ 4º O estatuto social deverá prever, ainda, a possibilidade de que a área de **compliance** se reporte diretamente ao Conselho de Administração em situações em que se suspeite do envolvimento do diretor-presidente em irregularidades ou quando este se furtar à obrigação de adotar medidas necessárias em relação à situação a ele relatada.

A empresa pública e a sociedade de economia mista deverão criar comitê estatutário para verificar a conformidade do processo de indicação e de avaliação de membros para o Conselho de Administração e para o Conselho Fiscal, com competência para auxiliar o acionista controlador na indicação desses membros.

## 16. Bibliografia

- GASPARINI, Diógenes. *Direito Administrativo*, São Paulo, Saraiva, 2006.
- MACHADO JR., J. Teixeira e REIS, Heraldo da Costa. *A Lei 4.320 Comentada*, Rio de Janeiro, IBAM, 2001.
- RIGOLIN, Ivan. *Manual Prático das Licitações*, São Paulo, Saraiva, 7ª. edição, 2008.
- RIGOLIN, Ivan. *O Servidor Público nas Reformas Constitucionais*, Editora Fórum, Belo Horizonte, 2008.
- SANTANA, Jair Eduardo. *Subsídios de Agentes Políticos Municipais*, Belo Horizonte, Fórum, 2004.
- TOLEDO JR., Flavio C. e ROSSI, Sérgio Ciquera. *Lei de Responsabilidade Fiscal Comentada Artigo por Artigo*, Editora NDJ, São Paulo, 3ª. edição, 2005.
- TOLEDO JR., Flavio C. e ROSSI, Sérgio Ciquera. *A Lei 4.320 no Contexto da Lei de Responsabilidade Fiscal*, Editora NDJ, São Paulo, 2005.
- TOLEDO JR., Flavio C, Artigo "Autarquias, Fundações e Empresas Estatais na Lei de Responsabilidade Fiscal", *publicado no Boletim de Direito Municipal - Editora NDJ*.
- MCASP – Manual de Contabilidade Aplicada ao Setor Público – Válido a partir do exercício de 2015 – 5ª edição – Ministério da Fazenda – Secretaria do Tesouro Nacional.
- MARIA SYLVIA ZANELLA DE PIETRO – Direito Administrativo – 15ª edição – Maria Sylvia Zanela di Pietro.
- Marcos Assi - Artigos sobre Compliance - link [www.marcosassi.com.br](http://www.marcosassi.com.br).
- Prevenindo com o Compliance para não remediar com o caixa – artigo da Endeavor Brasil – link [www.endeavor.org.br/compliance](http://www.endeavor.org.br/compliance).
- IBCG – Instituto Brasileiro de Governança Corporativa – O que é Governança Corporativa. - link- [www. ibcg.org.br](http://www.ibcg.org.br).
- Lei das Estatais – 13.303 de 30/06/16 – DOU de 01/07/16.



A versão eletrônica deste Manual de  
Orientação está na página do TCESP

**[www.tce.sp.gov.br](http://www.tce.sp.gov.br)**

## Redes Sociais

-  [facebook.com/tcesp](https://facebook.com/tcesp)
-  [youtube.com/tcespoficial](https://youtube.com/tcespoficial)
-  [flickr.com/tcesp](https://flickr.com/tcesp)
-  [twitter.com/tcesp](https://twitter.com/tcesp)
-  [instagram.com/tcesp](https://instagram.com/tcesp)
-  [linkedin.com/company/tcespoficial](https://linkedin.com/company/tcespoficial)